

uff - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ALINE FERREIRA PAES

UM BUMBA-BOI CARIOCA:

Memória e Identidade Maranhense em Parada de Lucas - Rio de Janeiro

Niterói

2014

ALINE FERREIRA PAES

UM BUMBA-BOI CARIOCA:

Memória e Identidade Maranhense em Parada de Lucas - Rio de Janeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal Fluminense, ao curso de graduação em Produção Cultural como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Wallace de Deus

Niterói

2014

RESUMO

O presente trabalho traz uma análise sobre a memória e a identidade cultural do grupo Associação Folclórica Bumba-meu-boi Brilho de Lucas, formado por migrantes maranhenses residentes no município do Rio de Janeiro desde as décadas de 1970 e 80. O grupo realiza há mais de 25 anos a festa do bumba-boi no bairro de Parada de Lucas, zona norte da cidade, sempre no período junino. A pesquisa irá analisar os seguintes aspectos: os ancoradouros da memória do grupo em relação à terra natal e a constituição de sua memória coletiva, fundamental para a continuidade da festa e do grupo; a manutenção de uma identidade cultural maranhense na cidade do Rio de Janeiro; a articulação do Brilho de Lucas com outros grupos de migrantes realizadores de manifestações da cultura popular maranhense na cidade.

Palavras-chave: memória; identidade cultural; bumba-meu-boi.

AGRADECIMENTOS

Ao Boi Brilho de Lucas pela calorosa acolhida desde a primeira vez que estive no Bar Folclore Maranhense para nossas primeiras conversas. Esse grupo é coisa rara! Um agradecimento especial ao Orlando, diretor geral do grupo, pela generosidade e carinho.

À minha mãe Glaucia, meu pai Dario e minha irmã Livia, pela força e companheirismo de sempre! Muito bom e sem dúvida fundamental ter vocês por perto em mais essa conquista.

Ao meu amado parceiro, na arte e na vida, Bernardo. Obrigada também à minha segunda família, Balu, Ignacia e Fred pela torcida constante e por toda a generosidade e cuidado.

Aos colegas de graduação, em especial a inspiradora produtora e bailarina Liana Vasconcelos Entramos, desencontramos e vamos nos formar no mesmo ano!

Aos professores da graduação em Procult por todo o conhecimento que passaram dentro e fora de sala, em especial ao meu orientador Wallace de Deus, ao coordenador do curso João Domingues, ao Luiz Augusto e ao Mário Pragmácio. Aprendi muito com vocês.

SUMÁRIO

• INTRODUÇÃO.....	6
• CAPÍTULO 1 – QUE BOI É ESSE?.....	10
1.1 – O BUMBA-MEU-BOI MARANHENSE.....	10
1.2 – O BOI MARANHENSE EM PARADA DE LUCAS.....	15
1.3 – MEMÓRIAS DO BOI CARIOCA.....	19
1.4 –TRADIÇÃO E RENASCIMENTO DO BOI.....	21
• CAPÍTULO 2 – A FESTA DO BRILHO DE LUCAS.....	26
2. 1 – IDENTIDADE MARANHENSE EM PARADA DE LUCAS.....	26
2. 2 – A FESTA DO BOI CARIOCA.....	31
• CAPÍTULO 3 – PRA ONDE VAI ESSE BOI?.....	39
3. 1 – CONQUISTAS.....	40
3. 2 – PERSPECTIVAS.....	42
3. 3 – OUTROS MARANHENSES NO RIO.....	43
• CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
• REFERÊNCIAS.....	48
• ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise sobre o Boi Brilho de Lucas¹, grupo criado em 1987 por migrantes maranhenses da cidade de Viana, residentes no Rio de Janeiro desde a década de 1970.

A pesquisa se debruça sobre a análise da memória e da identidade cultural deste grupo que realiza há mais de 25 anos a festa do bumba-meu-boi no bairro de Parada de Lucas sempre no período junino, no sábado mais próximo do dia 24 de junho (dia de São João). Destaco como um dos elementos provocadores o fato de o grupo ter sido criado por pessoas que nunca “brincaram”² o boi no Maranhão, mas nem por isso deixaram de estabelecer um elo de identificação, memória e pertencimento com sua terra natal.

O momento chave para a escolha do presente objeto foi a inauguração da chamada Casa do Maranhão³, em setembro de 2011. Na ocasião, diferentes grupos maranhenses se articularam para fazer uma bela festa, mostrando a diversidade de práticas culturais de seu Estado. Foi ali que as primeiras questões surgiram, diante de tamanha riqueza de manifestações culturais realizadas por grupos de migrantes, incluindo o Boi Brilho de Lucas. Na ocasião também se apresentaram as Caixeiros do Divino, com o canto de ladainhas e toques de caixa para o Divino Espírito Santo⁴; a Companhia Mariocas⁵, realizando a roda de tambor de crioula⁶ e tocando dentre outros ritmos o reggae; e a Companhia As Três Marias com a roda de cacuriá⁷.

A partir do contato com o grupo Boi Brilho de Lucas, instigantes questões surgiram, como por que a escolha desta festa específica e não outra, dentre tantas manifestações do Maranhão? A festa do Boi Brilho de Lucas na cidade do Rio de Janeiro tem como papel unir e organizar os migrantes maranhenses? Qual será a visibilidade desta festa para outros

¹ O grupo é registrado formalmente como Associação Folclórica Bumba-meu-boi Brilho de Lucas.

² O termo brincante se refere ao indivíduo que participa ativamente dos folguedos brasileiros, atuando de diversas formas: cantando, tocando e atuando. Nesse caso, “brincar o boi” significa participar como personagem, cantador ou batuqueiro, e não apenas como espectador.

³ Localizada a Rua Senador Pompeu, 32, Centro da cidade do Rio de Janeiro. A ocasião marcou a conquista deste espaço físico (Caso do Maranhão) pelo grupo intitulado Colônia Maranhense do Rio de Janeiro, o qual realiza há 45 anos a festa do Divino Espírito Santo, no bairro da Ilha do Governador. A Colônia é um importante exemplo de grupo de maranhenses radicados na cidade realizadores de manifestações da cultura popular do Maranhão.

⁴ Ladainha e toques para o Divino Espírito Santo são práticas exclusivamente realizadas por mulheres na festividade do Divino Espírito Santo maranhense;

⁵ O nome do grupo é uma junção das palavras Maranhense com Carioca.

⁶ Tambor de Crioula é uma dança maranhense, praticada em roda, dançada por mulheres e tocada por homens.

⁷ Dança típica do Estado do Maranhão comumente apresentada nas festividades do Divino Espírito Santo. Seu surgimento é recente, sendo localizado na década de 1970.

maranhenses que moram na cidade do Rio de Janeiro? Como é a relação com o bairro de Parada de Lucas? Como o brilho de Lucas dialoga com outros grupos de migrantes maranhenses que também realizam festas e outras manifestações da cultura popular desse Estado?

Diante de tantas indagações, partiremos da questão central levantada por esta pesquisa: o que motiva a continuidade da festa e do grupo Boi Brilho de Lucas até os dias de hoje, sendo realizada há 27 anos? Levanto a hipótese inicial de que a continuidade da festa e do grupo por tantos anos se deve à sólida memória coletiva do grupo, a qual é constituída pelas lembranças que cada maranhense possui da sua infância e de sua cidade natal. Esta memória é constantemente atualizada pela relação familiar presente no grupo, pelas eventuais viagens ao Maranhão e pelos encontros com outros maranhenses no Rio, aspectos que fortalecem a identidade do grupo. Além disso, a possibilidade de realizar a festa do bumba-boi no Rio de Janeiro como um brincante ativo, e não como mero espectador, também contribui para a continuidade desta celebração ao longo dos anos, sendo um momento de alegria, prazer e devoção.

Este trabalho não se propõe a realizar uma análise comparativa entre o bumba-boi de Viana e o do Rio de Janeiro. O objetivo é pensar essa forma particular de celebrar o período junino pelo grupo, trazendo a memória das comemorações realizadas em sua cidade natal, e criando sua identidade na cidade do Rio de Janeiro.

Para uma análise mais particular, foi empregada a metodologia de pesquisa de campo, a partir da observação participante e da realização de entrevistas. Ao todo foram realizadas 12 entrevistas⁸ com os principais integrantes do grupo, como detalhado a seguir:

- 1) Orlando Silva Costa: 46 anos, diretor do Boi Brilho de Lucas, nascido em Viana (MA).
- 2) Ademar Silva Costa: 58 anos, fundador e batuqueiro, nascido em Viana (MA);
- 3) Almir Silva Costa: 58 anos, fundador e veste a burrinha⁹, nascido em Viana (MA);
- 4) Carlos Estevão: 55 anos, fundador do grupo e miolo¹⁰ do boi, nascido em Viana (MA);
- 5) José Antonio Castro: 71 anos, fundador do grupo e batuqueiro¹¹, nascido em Viana (MA).

⁸ Ver roteiro da entrevista no ANEXO VII.

⁹ Personagem comum no bumba-meu-boi do Maranhão, o brincante veste uma fantasia como se estivesse montado num burro. Personagem de forte aspecto cômico.

¹⁰ Miolo é o nome dado àquele que fica dentro da armação que representa o boi, fazendo movimentos que dão vida ao animal.

¹¹ Nome dado aos que tocam instrumentos de percussão marcando o ritmo ou batuque do bumba meu boi.

- 6) João Lima Mendes: 68 anos, participou da fundação do grupo, nascido em Viana (MA);
- 7) Amilsson Silva Costa: 41 anos, vaqueiro, nascido em Viana (MA);
- 8) Ana Ruth Costa Marques: 50 anos, responsável pela montagem do altar, de Viana (MA);
- 9) Berenice Silva Costa: 46 anos, vaqueira, nascida em Viana (MA);
- 10) José Raimundo Pereira Pinheiro: 45 anos, cantador, nascido em Viana (MA);
- 11) Máximo Gilberto Costa: 49 anos, batuqueiro, nascido em Viana (MA);
- 12) Larissa Bonfim Costa: 15 anos, índia, filha de Orlando, nasceu no Rio de Janeiro (RJ).

A pesquisa está alicerçada em duas categorias principais: memória e identidade cultural. Dentro da categoria memória, a relação entre os conceitos de memória individual e memória coletiva trazida pelo sociólogo Maurice Halbwachs é ferramenta teórica importante para abordagem do tema. Também serão utilizadas as contribuições trazidas por Michael Pollak e a ideia de “comunidade afetiva”.

Na categoria identidade cultural, as principais referências são as leituras de Stuart Hall e Nestor García Canclini, onde a identidade cultural é pensada no contexto da pós-modernidade, do homem global e de identidade fragmentada. A ideia de hibridação cultural, de Canclini, também será importante para pensar e compreender os fluxos culturais na relação entre o grupo e outros agentes.

Outra referência importante é oferecida por Eric Hobsbawm com o conceito de “tradição inventada”. O termo tradição remete a ideia de repetição e continuidade. Nesse sentido, a pesquisa também busca compreender as perspectivas do Boi Brilho de Lucas em relação a continuidade da festa e participação de novas gerações.

Destacamos a importância do trabalho desenvolvido pela antropóloga Carla Rocha Pereira em sua dissertação de mestrado “Devoção e identidade: A festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro”, defendida em 2005 no PPGSA/UFRJ. A pesquisa sobre a festa do Divino realizada no Rio de Janeiro pelos migrantes maranhenses (organizados como Colônia Maranhense) contribuiu para a busca de referências teóricas e pontos de partida para esta pesquisa. Também destaco o trabalho da antropóloga Luciana Gonçalves de Carvalho em seus estudos sobre o bumba-boi maranhense e artigos sobre o Boi Brilho de Lucas que igualmente serviram como importante referência para a estruturação da presente pesquisa.

Ao final do trabalho serão apontadas outras manifestações de grupos de maranhenses no município do Rio de Janeiro, parceiros ou não do Brilho de Lucas, a fim de indicar a possibilidade de um futuro dos grupos em atividade na cidade.

Portanto, o presente trabalho busca contribuir para o registro de práticas maranhenses na cidade do Rio de Janeiro, somando aos estudos culturais em torno da identidade, memória e cultura popular brasileira.

CAPÍTULO 1 – QUE BOI É ESSE?

1.1 – O BUMBA-MEU-BOI MARANHENSE

Pai Francisco é o escravo de confiança do patrão. Sua esposa, Catirina, está grávida e tem o desejo de comer a língua do boi da fazenda. Não era qualquer boi. Era o mais vistoso e formoso. Para atender ao desejo de sua mulher, Pai Francisco mata e arranca a língua do boi. O crime é descoberto e por isso ele foge, sendo em seguida perseguido pelos vaqueiros da fazenda. Quando capturado, Pai Francisco é obrigado a devolver o boi com vida, e para isso ele pede ajuda aos índios e curandeiros que atuam para reavivar o animal. Ao ressuscitar, o boi urra e uma grande festa acontece para comemorar o milagre e o retorno do tão precioso animal da fazenda.

Esse é o enredo do auto do bumba-meu-boi maranhense, também presente em tantos outros bois que migraram pelo Brasil.

Composto por inúmeros elementos musicais, teatrais, estéticos, devocionais e simbólicos da cultura maranhense, o bumba-boi é conhecido como uma das manifestações mais tradicionais da cultura popular brasileira, registrado em 2011 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural do Brasil.

Sob variadas configurações, a figura do boi está presente em diversas regiões do país: boi calemba no Rio Grande do Norte, boi pintadinho no Rio de Janeiro, boi bumbá no Pará e Amazonas, boi de mamão em Santa Catarina, boi de reis no Espírito Santo, cavalo-marinho em Pernambuco. Em todas essas manifestações o boi atua como protagonista dividindo a cena com diferentes personagens como vaqueiros, índios, escravos, e tantos outros, conjugando modalidades distintas de ritmo, toadas, danças, teatro e narrativa. A presença constante deste animal, representado sob inúmeras configurações no folclore do país, levou Mário de Andrade (1982) a considerar a figura do boi como o animal nacional por excelência. Câmara Cascudo (1949) também destaca o caráter nacional dessa manifestação popular, ao mesmo tempo em que ressalta seu forte aspecto nordestino, apesar da impossibilidade de datar ou apontar seu exato local de surgimento. Segundo Cascudo e Renato Almeida, o bumba-meu-boi é uma fusão de elementos de origem portuguesa com elementos nativos/indígenas. (IPHAN, 2011)

Uma das mais remotas fontes que apontam sua presença no nordeste é atribuída ao jornal “O Carapuiceiro”, editado no Recife, no ano de 1840, pelo padre Miguel do Sacramento

Lopes Gama (FERREIRA e SILVA, 2011, p. 1). O padre classificava a brincadeira “como tola, estúpida, destituída de graça, conhecida como bumba-meu-boi” (ARAÚJO, 1993 apud PAULA, 2006, p.33).

Segundo a pesquisadora e militante do movimento negro, Mundinha Araújo, o primeiro registro encontrado no Maranhão sobre o bumba-meu-boi data de 1839.

Trata-se de uma ocorrência policial que descreve a prisão do escravo “preto Fernando” por andar com uma armação coberta, na época ‘vulgarmente conhecida por bumba-meu-boi’, e ter dado motivo a que se reunisse grupo de pretos fazendo motim pela rua¹².

Pouco se pode afirmar sobre suas origens históricas e sobre os processos de difusão e formação das inúmeras brincadeiras que se proliferaram pelo território nacional. De acordo com Azevedo Neto, o boi brasileiro pode ser considerado um desdobramento de um fato cultural encontrado em vários países do mundo, observado através da dança onde dançarinos gravitam ao redor da figura de um boi (AZEVEDO NETO, 1997, apud CARVALHO, 2004, p.41). Outro caminho adotado pelos pesquisadores, como Marques e Reis, é pensar o surgimento do caráter simbólico do animal a partir da interiorização do território nacional pela expansão do gado pelo sertão brasileiro (MARQUES, 1999; REIS, 2000, apud CARVALHO, 2004, p.40). Nesse sentido, as figuras do boi e do vaqueiro ganham um contorno mítico dentro da cultura regional e sertaneja. Ster Marques destaca ainda o caráter cômico presente na narrativa do auto e a função de crítica social atribuída ao boi diante da opressão de grupos dominantes. (MARQUES, apud CARVALHO, 2004)

São muitos os autores que detiveram-se sobre o assunto, dentre eles folcloristas, etnólogos e antropólogos como os já citamos Mário de Andrade, Renato Almeida, Câmara Cascudo, Azevedo Neto, além de Celso de Magalhães, Silvio Romero, Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro e Amadeu Amaral. Inegavelmente, diante de sua expansão pelo território nacional, “vestido” por diferentes “lombos” e se apresentando em diferentes períodos do ano, podemos dizer que o bumba-meu-boi é uma celebração multicultural, que carrega memórias ancestrais que constantemente são atualizadas sob diversos aspectos: narrativa, figurino, ritual, jogo, instrumentação, danças e toadas.

¹² Depoimento de Maria Raymunda Araújo (Mundinha Araújo), pesquisadora e militante do movimento Negro, no DVD “Bumba-boi – Festa e devoção no brinquedo do Maranhão”, Iphan, 2009.

As variáveis “tempo” e “espaço” atuam sobre a tradição, muitas vezes interferindo nos processos de atualização e continuidade, garantindo a cada grupo sua própria identidade a partir de suas escolhas – estéticas e rituais.

Especificamente no Maranhão, a partir de levantamento realizado pelo Iphan em 2009, foram identificados mais de 430 grupos em 79 dos 217 municípios. Em todo o Estado, o bumba-boi é um elemento de aglutinação social, rica fonte simbólica das crenças populares, não apenas para os brincantes mais ativos, mas também para aqueles que vivenciam a festa como espectadores em suas localidades.

Signo da identidade cultural maranhense, o boi atua como mediador das relações entre os homens e os grupos com os quais se relaciona – família, vizinhos, comunidades social e religiosa. [...] Nesse sentido, o boi é especialmente importante para os maranhenses na medida em que tematiza relações, organiza discursos e comportamentos, medeia conflitos, fixa memórias e histórias de vida, constrói, enfim, identidades individuais e coletivas (CARVALHO, 2004, p. 41).

Ao receber em 2011 o título de Bem Cultural do Brasil pelo Iphan, o bumba-boi foi tratado em seu dossiê de registro como “Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão”. A ideia de um “complexo cultural” traduz a existência de uma sólida cadeia de produção cultural que é movimentada a partir desta celebração, a qual engloba brincantes, bordadeiras, batuqueiros, cantadores, dançarinos e tantos outros envolvidos com todas as etapas da festa do boi, das quais destacam-se os seguintes períodos: ensaios; batizado; período de apresentações juninas; morte do boi.

Nos personagens presentes no auto do boi, destacamos a presença de vaqueiros, caboclos de pena, cazumbas, índias, pai Francisco, mãe Catirina, amo ou dono do boi, rajados, pajés, burrinha, o próprio boi e o miolo (REIS, 2009, p. 64-66), dentre outros personagens que são integrados ao auto ou até inventados de acordo com a região do país e com a criatividade de seus grupos.

No maranhão existem cinco diferentes estilos de bumba-meu-boi, elencados pela categoria de “sotaques”. São eles: sotaque de Matraca ou da Ilha; de Cururupu ou Costa de Mão; sotaque de Zabumba; sotaque da Baixada; sotaque de Orquestra. Cada um possui suas

próprias características na instrumentação e conseqüentemente no aspecto rítmico e melódico. A indumentária e as coreografias também variam de acordo com o sotaque¹³.

Ainda no intuito de contextualizar o leitor, existem duas classificações importantes referentes ao caráter sincrético do bumba-boi praticado no Maranhão. Muitos dos grupos são formados a partir do pagamento de uma promessa a São João (24 de junho), São Pedro (29 de junho) ou São Marçal (30 de junho), santos juninos mais festejados no Estado. A esse tipo de grupo dá-se a classificação de “boi de promessa”. Quando o boi “é de promessa”, necessariamente ele deve ser submetido aos rituais de batizado e morte, os quais se traduzem da seguinte forma: a) batizado – realizado na véspera do dia de São João (24 de junho), pois o boi só pode “sair para brincar na rua” depois de rezado, batizado; b) após festejar seu renascimento e brincar durante dias, o boi deve ser morto e só irá renascer no batizado do ano seguinte.

A festa do bumba-meu-boi é tida por muitos brincantes como uma das manifestações populares brasileiras mais democráticas, tanto pela narrativa do auto do boi, que inclui o senhor da fazenda, o escravo Pai Francisco, o vaqueiro e os índios, onde todos celebram juntos o renascimento do animal, quanto pelo que essa manifestação engloba em termos sincréticos. A relação com o Tambor de Mina¹⁴ e com os “encantados”¹⁵, o Sebastianismo¹⁶ e o Catolicismo Popular, são observadas nas toadas, em seus diferentes sotaques, e na fé dos batuqueiros, vaqueiros, índias e caboclos que integram os grupos. Também é fácil observar a

¹³ De acordo com José Ribamar dos Reis, seguem os destaques na instrumentação de cada sotaque. Sotaque de Matraca ou da Ilha: predominam as matracas (dois pedaços de madeira que quando batidas uma contra a outra produzem um som agudo) e os pandeirões. Sotaque Costa de Mão: atualmente existem poucos grupos desse sotaque. Originário da região de Cururupu, apresentam grandes tambores no estilo atabaques e caixas, batidos com as costas das mãos. Sotaque de Zabumba ou Guimarães: considerado o mais antigo ritmo do boi maranhense, destacam-se as zabumbas, que possuem som grave, e pandeirinhos com som agudo. Sotaque da Baixada ou Pindaré: quase uma réplica do sotaque de Matraca, a instrumentação é praticamente a mesma, sendo o ritmo mais lento e os pandeirões são menores. Sotaque de Orquestra: os instrumentos remetem a uma mini orquestra, com destaque para os metais (saxofones, clarinetes, trombones, flautas), além de cordas, como o banjo. Esse sotaque é originado do interior do Estado, na cidade de Rosário (REIS, 2009, p. 67-69)

¹⁴ De acordo com Sérgio Figueiredo Ferretti, Tambor de Mina é a “denominação de uma das religiões afro-brasileiras, desenvolvida por antigos escravos africanos e seus descendentes. Entre outros aspectos, caracteriza-se por constituir-se em religião de transe ou possessão, em que entidades sobrenaturais são cultuadas, invocadas e se incorporam em participantes, e sobretudo, por ocasião de festas, com cânticos e danças, executadas ao som de tambores e outros instrumentos. O termo mina deriva do Forte de S. Jorge da Mina, na costa do Ouro, atual República de Gana, um dos mais antigos empórios portugueses de escravos na África Ocidental. Trata-se também do nome de um grupo étnico daquela região, que se dedicava ao tráfico de escravos. No Brasil, o termo mina é atribuído genericamente aos escravos que procedentes da região do Golfo de Benin na África Ocidental” (FERRETTI, 1985, p. 13).

¹⁵ São entidades nobres, tanto europeias quanto índios, turcos, além de boiadeiros, caboclos e marinheiros que incorporam em humanos ou presentes na natureza, em locais como praias, serras, matas e rios (REIS, 2009, p. 78).

¹⁶ “O Sebastianismo entrelaça os caminhos do Tambor de Mina com o Bumba-meu-boi no Maranhão, vinculando seu enredo com a lenda do Rei Dom Sebastião: na véspera de São João – 23 de junho – a meia noite, o Rei Sebastião sai encantado em um lindo touro negro luzente com uma estrela e ponteiros dos chifres de ouro, momento exato que são iniciadas as brincadas do bumba-boi no ciclo folclórico”. (Idem, p.78)

relação de sacrifício, muito presente nos bois de promessa, quando, durante horas e dias, batuqueiros viram noites tocando seus pandeirões ou matracas “gigantes”, ao mesmo tempo regados a muita cachaça, evidenciando também a tão constante relação entre sagrado e profano na cultura popular brasileira¹⁷.

Além dos aspectos colocados acima, outro ponto que merece destaque é a relação familiar presente no bumba-meu-boi. Surgindo ou não a partir de núcleos familiares, os grupos de boi se tornam grandes famílias, sendo esse sentimento fundamental para o repasse da tradição e do conhecimento presentes no grupo, fazendo inclusive com que os mestres e batuqueiros se renovem. A partir do entendimento de que o grupo é uma família, e assim muitos se classificam, não apenas no sentido sanguíneo, mas entendida a partir da sólida relação entre seus integrantes, sua memória se fortalece, mantendo-se viva e dando as condições para sua continuidade. Este aspecto se faz presentes em muitas outras manifestações tradicionais do país. A antropóloga Carla Rocha, ao pesquisar a festa do Divino Espírito Santo¹⁸ realizada no Rio de Janeiro por migrantes da Colônia Maranhense, aponta:

As comemorações do Divino que esses migrantes participavam no Maranhão ainda estão em suas lembranças e muitos foram inseridos nesta celebração desde crianças. A maioria é filha ou sobrinha de outras caixeiras e destacam a importância da família no aprendizado e na inclusão da festa. (ROCHA, 2005, p.36)

Entendendo a força que a figura do “boi” representa na cultura popular nacional, especificamente no Estado do Maranhão, torna-se muito clara a importância dessa celebração para os maranhenses, locais ou migrantes. Considerando também os intensos deslocamentos no Brasil da década de 1960, há de se destacar que os movimentos migratórios não ocorreram apenas no território físico, mas também no território cultural, num deslocamento de identidades e memórias para os novos espaços a serem ocupados.

¹⁷ Tais observações foram feitas em viagem da autora ao Maranhão, em junho de 2012, em visita a cidade de São Luis. A autora acompanhou o grupo Boi de Maracanã na madrugada de 28 para 29 de junho, em diversas apresentações em palcos da prefeitura e praças públicas, participando da festa de São Pedro (29 de junho), assim como da Festa de São Marçal (30 de junho 2012).

¹⁸ Outra importante celebração no Estado do Maranhão

1.2 – O BOI MARANHENSE EM PARADA DE LUCAS.

Na década de 1960 são intensas as migrações no Brasil, em especial de nordestinos para as regiões Centro Oeste e Sudeste, em busca de trabalho e melhores oportunidades de trabalho. Nesse período são registradas inúmeras migrações de maranhenses e consequentemente o surgimento de práticas tradicionais de seu Estado em novas localidades.

De acordo com Carvalho, desde a década de 80, tem-se assistido à multiplicação de grupos de boi em grandes cidades como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro¹⁹. As inúmeras migrações de nordestinos em torno da década de 60 para Brasília e para a região Sudeste foram, em absoluto, migrações culturais com intensas trocas entre os agentes envolvidos. Esse processo também promove a recriação, reinterpretação e ressignificação de práticas culturais a partir da adaptação aos novos lugares ocupados por esses migrantes. No Rio de Janeiro não foi diferente.

Na década de 70 duas famílias maranhenses da cidade de Viana, interior do Estado, vieram para o Rio de Janeiro. Chegaram primeiro os filhos mais velhos da família Rosa Castro e em seguida seus primos da família Silva Costa. Com uma justificativa comum a tantos outros migrantes do período, as duas famílias se instalam no Rio em busca de trabalho e melhores perspectivas de vida.

A família Rosa Castro se estabelece em Niterói, e os Silva Costa se estabelecem em Parada de Lucas, bairro popular do Rio de Janeiro cortado pela estrada de ferro Leopoldina e pela Avenida Brasil. Ademar Silva Costa (58) e alguns irmãos, os primeiros a migrar, começam então a trazer o restante da família, conforme relato a seguir:

Uma tia que morava aqui, né? [...] Quando ela retornou pela primeira vez ao Maranhão, depois que tinha vindo... Naquela época que ela foi eu tinha terminado o meu ginásio, aí eu perguntei a ela: 'Marinalva', lá no Rio é fácil conseguir um emprego?' Aí ela falou: 'lá é fácil, e tal'. Aí eu me animei, né? Aí tirei minha passagem e vim de ônibus, porque naquela época não podia viajar de avião, era muito caro. Hoje não, hoje a gente só viaja de avião. Aí eu vim com a intenção de ajudar meu pai, minha mãe, porque nós éramos 11 irmãos, mais meu pai e minha mãe, mais meu avô, e mais três tias que moravam com a gente. Aí eu vim no finalzinho de 1974, já iniciando 75. Chegando aqui eu comecei a procurar emprego. Não foi tão fácil, mas eu queria trabalhar, queria ganhar meu dinheiro pra ajudar meu pai, mandar dinheiro pra lá, né? Aí eu arrumei um serviço de faxineiro. [...] Eu trabalhei lá 6 meses. Aí o pessoal de uma firma exportadora de café, me chamaram pra trabalhar na parte de escritório e fazer serviços externos, de contínuo que eles chamavam na época, hoje é *office boy*, né? E fiquei nessa empresa, trabalhei dois anos. Aí um primo, José Antonio Castro, que também veio antes de mim, né? Ele trabalhava nesse empresa que eu trabalho até hoje [...] Foi em 1977 que ele

¹⁹ Exemplos: o Bumba Boi Brilho da Noite e Festa do Boi do Morro da Querosene, em São Paulo; Boi de Teodoro, em Brasília; e o Boi Brilho de Lucas, no Rio de Janeiro (CARVALHO, 2004, p. 40).

me chamou pra trabalhar lá na empresa que ele trabalhava. Eu aceitei a proposta e estou até hoje, já com 37 anos nessa mesma empresa. Já estou aposentado, né? E eu realizei meu sonho, [...] vir trazendo uma irmã, depois trouxe um outro irmão. Final da conta: trouxe todo mundo. Meu pai, minha mãe, meus 11 irmãos, até meu avô veio também.²⁰

O primo, José Antonio Castro (71), da família Rosa Castro, também relata sua vinda pro Rio de Janeiro:

Eu vim pro Rio em 1963, um ano antes da Revolução de 64. Quando entrou a revolução [...] na época eu servia o Exército, e entrei para o serviço militar. Passei 2 anos, 1 mês e 20 dias no serviço militar. [...] Eu sai do serviço militar por que eu engajei pela barriga. Eu entrei no serviço militar também pela barriga. Entendeu? Por causa da comida e da casa. [...] E fiquei no exército, entrou o período da revolução, eu estava no serviço militar obrigatório, engajei, fiz o curso de Cabo, e fiquei lá enquanto isso pra equilibrar a minha situação. Porque eu cheguei aqui e fui morar numa 'cabeça de porco', na Presidente Vargas, [...] ali perto do Sambódromo. [...] E daí eu toquei a vida, comecei a vida por aí. E fui vendedor de livros, depois fui trabalhar em escritório de empresas. Aí voltei a estudar, terminei meu segundo grau, fiz escola de contabilidade, mais tarde num estágio mais avançado fiz Direito. Me formei advogado em 1978 pela Faculdade de Direito Cândido Mendes [...]. Fiz vários cursos de pós-graduações e daí vim trazendo irmãos, trazendo um, trazendo outro, e tive a necessidade de criar uma empresa familiar pra sustentar esses irmãos que eu vinha trazendo do interior, sabe? E criei uma empresa que até hoje existe em São Cristóvão que sustenta a família toda. E eu paralelamente exerço a atividade de advocacia no mesmo prédio da empresa. Então todos os empregados são irmãos. Vieram os irmãos, estudaram, fazendo curso de elétrica, eletrotécnica, na área, formou essa mão de obra que existe hoje. Nós temos 7 empregados, são 7 irmãos empregados [...].²¹

Um dos jovens irmãos, que mais tarde chegaria ao Rio trazido pelos primeiros parentes imigrados, é Orlando Silva Costa (46), na época com 12 anos:

Eu cheguei no Rio no ano de 1978, junto com um irmão meu e um primo. Eu tinha esse sonho de vir pro Rio de Janeiro e tal [...]. Então o irmão mais velho veio pro Rio e veio trazendo os outros irmãos. Então eu cheguei aqui em 1978. Na verdade, como nós morávamos numa cidade pequena, a cidade de Viana, né? Que fica aproximadamente 250km da capital, e não tinha trabalho né? [...] Hoje quem trabalha lá tá mais vinculado a prefeitura, enfim. Então em função dos irmãos mais velhos terem vindo pro Rio de Janeiro, forem trabalhando, a ideia era que todo mundo viesse pra cá arrumar um trabalho, né? Enfim, pra poder sustentar a família, essa coisa toda. Então foi isso que aconteceu. Foi em função de trabalho mesmo. Motivo de trabalho, de estudo e tal. [...] Hoje aqui no Rio são basicamente duas famílias que coordenam o grupo... O nosso grupo do Bumba-meu-boi. É a família Silva Costa, que é a minha família com 10 irmãos, e a família Rosa Castro, que é de Niterói e que tem aproximadamente 10 irmãos também. Foram duas famílias grandes que vieram pra cá.²²

Em pouco mais de 10 anos, as duas famílias estão em sua totalidade no Rio de Janeiro, integradas e com seus laços de parentesco ainda mais fortalecidos. Ao mesmo tempo, o Maranhão se tornava cada vez mais distante e saudoso.

²⁰ Entrevista realizada no dia 24 de maio de 2014, com Ademar Silva Costa, um dos fundadores do Boi Brilho de Lucas.

²¹ Entrevista realizada no dia 24 de maio de 2014, com José Antonio Castro, um dos fundadores do Boi Brilho de Lucas.

²² Entrevista realizada , no dia 8 de outubro de 2013, com Orlando Silva Costa, atual diretor do Boi Brilho de Lucas.

A partir da década de 80, alguns encontros, completamente informais, começam a acontecer com o intuito de rememorar a terra natal, através de sua culinária e música típicas. As reuniões aconteciam aos fins de semana, em Parada de Lucas, no quintal da casa dos Silva Costa. As duas famílias se reuniam, para batucar improvisadamente em baldes e panelas, comer e ouvir músicas do Maranhão, incluindo toadas de bumba-boi. Ao ouvir discos de famosos grupos de boi, alguns integrantes relembavam e aprendiam toadas, ao mesmo tempo em que aprimoravam a maneira de tocar o batoque comum em Viana, o Sotaque de Baixada²³.

Com a regularidade dos encontros e fortalecimento dos laços de parentesco, entre 1982 a 1985, Almir Silva Costa (55), também um dos primeiros irmãos a chegar no Rio de Janeiro, criou uma miniatura de um boi, com 30 centímetros, chamado de “boizinho”, o embrião do que viria a surgir no futuro:

O Brilho de Lucas surgiu entre amigos. O fundador sou eu, Geraldo e Ademar. Começamos com um boizinho de 30 centímetros. Porque? A gente tinha saudade na época de ir pro Maranhão e as vezes não conseguia as férias com os dias de São João, que é as festas juninas... Mês de junho. Resolvi fazer o bumba-boi. Aí fizemos, foi um sucesso esse boizinho. Fizemos em 82, 83, 84 e 85. Em 86 não fizemos. Em 87 eu chamei outros amigos pra ampliar o boi²⁴.

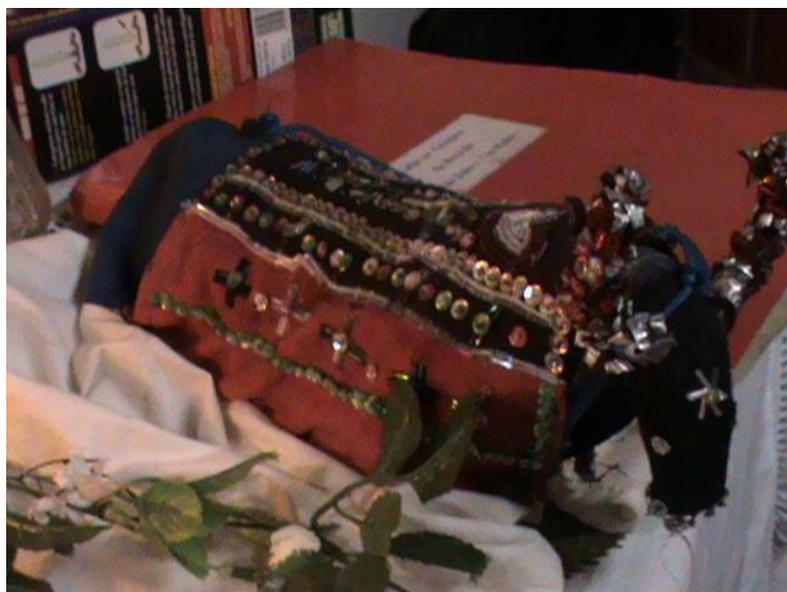


Figura 1 O "boizinho" original com 30 cm. Foto: O AUTOS, 21/06/14.

²³ Como colocado anteriormente, cada grupo de boi possui um sotaque. Em Viana, cidade natal das famílias Silva Costa e Rosa Castro, fundadoras do Boi Brilho de Lucas, o sotaque mais comum é o de Baixada, com seu batoque, instrumentação, personagens e figurinos característicos.

²⁴ Entrevista realizada em 24 de maio de 2014 com Almir Silva Costa, um dos fundadores do Boi Brilho de Lucas.

Ademar Silva Costa (58), também relembra os primeiros encontros, a criação do “boizinho” e algumas lembranças da infância na cidade de Viana:

Por a gente ser de Viana, né? Nós temos nossa propriedade lá. Tinha um pessoal em frente que desde que eu me entendo ser gente esse pessoal já fazia [o boi], que era o Sr. José de Sá. Ele já fazia boi, né? Só que lá eu ia, mas cedo eu voltava pra casa dormir. Ficava em frente, o barulho não me incomodava dos tambores, né? Aí com a nossa vinda pra cá... O Almir... aí tava o Almir, cumpade Zé Vieira, tava o Geraldo e a gente cismou de fazer um boizinho, né? Pra gente brincar. Uma miniatura, pequenininho pra brincar com ele na mão. Aí meu irmão mesmo bordou o lombinho pequenininho, e botamos um pedaço de madeira na cabeça, enfiamos um arame, fizemos o chifrinho, enfeitamos e tal. Aí a gente já tava nessa casa aqui, aí nós fizemos a brincadeira lá nos fundos. Aí com o boizinho brincando, a gente comprava cerveja, fizemos batida, muitos fogaizinhos jogava lá naquela varanda lá, e aí começou, né?²⁵

Apesar de nunca terem brincado o boi em Viana, o grupo passou a batucar em baldes, panelas e outros utensílios lembrando toadas e batuques ouvidos na infância. O grupo brincava manuseando o “boizinho” com as mãos no ritmo e na dança da batucada improvisada regada a cerveja e camarão seco, o que passou a atrair também outros maranhenses migrantes, conforme relata Orlando:

Então eles fizeram esse boi e eles se reuniam no final de semana nos fundos do quintal da nossa casa lá, pra poder batucar, recordar, e comer camarão seco, uma traíra seca, cerveja. Então, em 82 ele fez esse boizinho e a gente reunia pra brincar. Nessa época eu ainda tava afastado e tal, não tava ainda tão envolvido com a coisa. [...] E aí essa coisa foi crescendo porque outros maranhenses, outros maranhenses da nossa cidade também... Já era de costume que a gente se reunisse sempre nos finais de semana, a gente reunia pra bater papo, enfim, jogar conversa fora e brincar com o boizinho. Aí as pessoas foram sabendo e houve a necessidade de fazer um boi adulto, em função da quantidade de pessoas, e tal, que iam chegando a dando ideia tal. Então em 1987 surgiu o boi adulto. E a brincadeira saiu do quintal pra rua [...]. E esse boi adulto, hoje tem 1,20m, por aí. Aí tem um amigo nosso de Duque de Caxias, que é um Maranhense também de nossa cidade lá, ele doou o lombo do boi. E aí era uma coisa meio arcaica, batendo ainda em lata, né? Não tinha instrumento.²⁶

O primo Carlos Estavão (55), também foi protagonista no crescimento do “boizinho” para o boi adulto. Segundo seu próprio relato:

Eu vim pro Rio de Janeiro em 85. Quando foi em 86 meus primos já tinham o boizinho que eles brincavam aqui no quintal. Então eu falei assim: ‘se tem um boizinho porque eu não posso fazer um boi grande?’ Aí um dia eu tava bebendo com um colega aqui, aí eu falei: “bora fazer um boi grande?”; “Vambora, cara!” Aí fomos pro quintal do meu primo, debaixo de uma mangueira, e conseguimos o “quadro” do boi. Aí eu falei: “e agora, as costelas?”. Eu vim aqui no quintal, tinha uma goiabeira. Comecei a cortar galho de goiaba e fiz as costelas, fiz o espinhaço do boi, aí peguei a cabeça do boi... E comecei a fazer o boi.²⁷

²⁵ Entrevista realizada no dia 24 de maio de 2014, com Ademar Silva Costa, um dos fundadores do Boi Brilho de Lucas.

²⁶ Entrevista realizada no dia 8 de outubro de 2013, com Orlando Silva Costa, atual diretor do Boi Brilho de Lucas.

²⁷ Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2014, com Carlos Estevão Silva, um dos fundadores do boi adulto e miolo do boi desde seu surgimento.

Portanto, com o passar dos anos e fortalecimento dos encontros e da especial relação criada com essa memória, o grupo decide que o boi deve ir pra rua. Em 1987 o “boizinho” cresce. Com a ajuda de outros maranhenses que já haviam se agregado ao grupo, ganha corpo maior e “miolo”, dessa forma tomando a Rua Joaquim Rodrigues, em frente ao número 169, no bairro de Parada de Lucas. Há 27 anos ele mora nesse local e festeja o dia de São João, com maranhenses, cariocas e quem mais quiser chegar.

1.3 – MEMÓRIAS DO BOI CARIOCA

Do ano de 1982 a 1986, onde eram realizados os encontros informais, essa lembrança foi cada vez mais aguçada a ponto de estimular o grupo a criar o “boizinho” e depois, em 1987, o boi crescido que, a partir de uma decisão do grupo, tomou a rua, imbuídos de uma consciência de que, quando isso acontecesse, ele nunca mais poderia deixar de brincar. E assim acontece há 27 anos.

Todos os integrantes nunca haviam brincado o boi em Viana, mas possuíam a lembrança dos festejos a partir da observação individual e da referencia do núcleo familiar. À medida que os indivíduos do grupo se distanciaram de sua terra natal, as lembranças se fortalecem e passaram a ser cultivadas pelas duas famílias, estabelecendo dessa forma uma identidade unificadora em terra distante, o Rio de Janeiro. Como afirma Carvalho:

A trajetória do bumba-meu-boi Brilho de Lucas na cidade do Rio de Janeiro, assim como de seus similares Bumba-boi Brilho da Noite, em São Paulo, e Boi de Teodoro, em Brasília, inscreve-se nesses processos de gestação de formas culturais tradicionais fora de seus contextos originais. Boi ‘carioca’ do bairro de Parada de Lucas, criado por maranhenses da cidade de Viana que nunca ‘brincaram o boi’ na terra natal, esse brinquedo estabelece, entre outros, um elo simbólico de identificação e pertencimento entre os migrantes que o inventaram e o estado de onde saíram.(CARVALHO, 2004, p.41)

Outro elo importante foi estabelecido entre o grupo e o bairro de Parada de Lucas, criando a identidade do grupo nesse espaço, o que se faz presente inclusive no nome do grupo, Boi Brilho de Lucas.

Para o surgimento e fortalecimento dessa identidade, a qual foi fundamental para atrair outros maranhenses radicados no Rio e cariocas moradores do entorno, percebemos que a memória trazida pelos migrantes é a base para todo o processo de criação e expansão das ações do grupo em torno da celebração do boi. Desde o início dos encontros familiares de

rememoração, da criação do “boizinho” e do “boi adulto”, até o início da festa junina do Boi Brilho de Lucas, a memória do grupo foi fortalecida pelas lembranças individuais e pelos demais ancoradouros dessas memórias (música, culinária, danças, religiosidade).

Sob esse aspecto, recorreremos aos estudos de Maurice Halbwachs utilizando como ferramenta teórica os conceitos de memória individual e memória coletiva. De acordo com Halbwachs, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo (HALBWACHS apud CARVALHAL, 2006, p.2).

A partir disso, destacamos o fato de o grupo em questão ser constituído fundamentalmente por uma relação familiar, com laços muito próximos de parentesco (irmãos e primos), os quais se fortaleceram pelo deslocamento de Viana ao Rio de Janeiro, pela necessidade de se estabelecer nesse novo espaço, pelas dificuldades e expectativas inerentes ao processo. As duas famílias, ao intensificarem suas relações, reavivaram e solidificaram a memória do grupo, constituindo uma memória coletiva a partir das lembranças individuais.

Partindo dos estudos sobre memória trazidos por Halbwachs, concluímos que muitos de nossos sentimentos, paixões e reflexões são na verdade inspirados pelo grupo no qual estamos inseridos. O mesmo acontece com a memória individual, que em certa medida se confunde com as memórias coletivas. Porém, não há memória que seja somente imaginação ou imposição, pois todo o processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito.

À medida que as memórias individuais são trazidas a tona, a memória coletiva se constitui, ao mesmo tempo em que, de certa forma, “molda” as memórias individuais. Apenas como exemplo, quem nunca se viu relembrando fatos ocorridos na infância, com um parente ou amigo, e percebeu o quanto as informações se confundem, já que cada pessoa, a partir de uma seleção subjetiva dos fatos, se lembra de aspectos diferentes de um mesmo episódio? De uma forma geral, a memória coletiva pode ser comparada a um mosaico, onde cada peça representa as lembranças individuais, sempre diferentes umas das outras, mas semelhantes, criando uma só forma.

Esse consenso é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo, esta unidade coletiva, concebida pelo pensador como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros. A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo,

refere-se, portanto, a ‘um ponto de vista sobre a memória coletiva’. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 1990, apud CARVALHAL, 2006.)

A partir da ideia de que a lembrança “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 1990, p. 77), podemos dizer que a constituição da memória coletiva do grupo de migrantes maranhenses, a partir dos membros das famílias Silva Costa e Rosa Castro, foi fundamental para o surgimento efetivo do Boi Brilho de Lucas, da festa e de sua continuidade durante 27 anos, completados no ano de 2014. É a memória coletiva que garante o surgimento da identidade do grupo e confere sua coesão.

Outro conceito que se encaixa perfeitamente na análise é o de “comunidade afetiva”, trazido também por Halbwachs e lembrado por Michel Pollak:

Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de ‘comunidade afetiva’ (POLLACK, 1989, p.3)

Portanto o Boi Brilho de Lucas constitui como uma comunidade afetiva, estabelecida entre as famílias Silva Costa e Rosa Castro em torno das lembranças individuais e coletivas acerca do boi de Viana e outros aspectos culturais ligados a ele.

1.4 – TRADIÇÃO E RENASCIMENTO DO BOI

A partir do momento em que o Brilho de Lucas deixa o quintal e ganha a rua, ele passa a se comunicar com um público maior, tanto de Parada de Lucas quanto de outros bairros e municípios do Rio de Janeiro. O Brilho passa a crescer e ser comentado por outros migrantes, e com isso passa a ser uma referência na cidade dentro deste nicho. Portanto, no decorrer dos anos o grupo cresce em termos de alcance do público e tamanho do grupo em si, atraindo outros migrantes que rapidamente se tornaram amigos ou parceiros do grupo.

A festa passou a exigir mais dos organizadores e lideranças do Brilho, apesar de tudo ser feito, desde seu surgimento, sem apoio financeiro de nenhuma instituição. Ou seja, a festa sempre foi organizada e promovida pelo Brilho de Lucas, com investimento financeiro direto

de seus integrantes nas roupas, fantasias, instrumentos, enfeites da rua, segurança para a festa, a partir da renda familiar de cada integrante.

Como o tempo, as primeiras lideranças, que haviam criado o grupo, passam a desanimar diante de tanto trabalho e alto investimento retirado de seus respectivos orçamentos familiares.

Nesse momento entra em cena um improvável integrante que assume a liderança do grupo: Orlando Silva Costa, que havia migrado para o Rio apenas com doze anos e até então fazia parte do grupo de forma descompromissada e tímida.

Ao perceber que a festa corria o risco de acabar, diante de tantos fatores de dificuldade, Orlando assume o grupo e se torna seu diretor geral, sendo atualmente o Brilho de Lucas citado por muitos como o “boi do Orlando”.

A gente sempre fez essa festa com a cara e a coragem. Porque nunca tivemos ajuda de ninguém, a gente não quer misturar a política na nossa festa e a gente continua com essa filosofia, né? E aí o custo sempre foi muito alto pra gente fazer, até porque os instrumentos a gente tem que mandar fazer; as roupas a maioria vem do Maranhão, a gente manda trazer de lá. Então sempre mexer no orçamento familiar pra fazer uma festa é sempre complicado. Então as pessoas acharam que deveria acabar a brincadeira. Isso em 2007... Entre 2007 e 2008 eles se reuniram lá e... “olha, não dá mais”, e tal, “não tem mais condição”. E foi aí onde eu entrei, que até então eu participava mas muito distante, não tinha uma função no grupo. Batucava quando precisava, nunca fui de botar a roupa, e tal. Então em 2007 eles fizeram essa reunião e decidiram acabar. E aí eu não sei o que houve assim, que eu cheguei na reunião: “por que que vai acabar?”. “Ah, porque não dá mais...”. Falei: “Olha só, a gente assumiu um compromisso com a sociedade quando a gente tirou a brincadeira do quintal e pôs pra rua”. Hoje vem pessoas de Caxias, vem pessoas de todo o Rio de Janeiro praticamente, pra nossa festa. Então as pessoas cobram isso. Como é que vai acabar? A gente tem é que organizar a festa. De que forma que a gente pode fazer isso? Eu a partir de agora fico mais a frente, a gente vai fazer um teste pra próxima festa. No próximo ano a gente vai continuar com a festa. Eu vou criar um site, vou divulgar o nosso grupo. Se a gente divulgar um pouco mais, é bem provável que um convite pra outras apresentações apareça e daí a gente cobra um cachezinho, vai levando. Chama outros grupos. Com certeza a gente vai dar visibilidade ao grupo. Outros grupos vão ficar sabendo, vão querer participar e a gente dá uma dimensão maior pra nossa festa. “Ah, tá legal. Só que tu vai ser o responsável”. Aí fiz tudo isso, né? Aí inscrevi o grupo também no edital do Estado, e aí a gente foi contemplado com o material, com R\$10.000 reais. Aí a festa que aconteceu a gente reformulou as roupas todas.²⁸

Essa primeira grande crise, que ameaçou a continuidade da festa, aconteceu em 2007. Nesse momento, ao perceber a chance de interrupção da tradicional festa, nascida no seio familiar, e ainda elo com sua terra natal, Orlando toma a frente do grupo, posto que assume até hoje. Os integrantes consideram fundamental a entrada de Orlando para a direção do grupo, tomando a responsabilidade para si e tocando o Brilho de Lucas adiante.

²⁸ Entrevista realizada , no dia 8 de outubro de 2013, com Orlando Silva Costa (46), atual diretor do Boi Brilho de Lucas.

Eu me lembro que o grupo tava querendo cair. A gente tinha perdido um primo também. No ano que meu primo faleceu a gente ia fazer a festa. Eu sinto que aquele negocio tava caindo, e ele [Orlando] sentiu isso. Apesar de ele não participar da festa ele sentiu isso. Aí ele chegou. E foi isso que levantou. Com toda a sinceridade, acho que se Orlando não tá no meio disso hoje, eu acho que tinha acabado. Orlando não era ligado no bumba-meu-boi. [...] A gente fazia a festa Orlando nem participava. E hoje ele tá dentro. O cabeça no negocio é ele. Quando o Orlando entrou no grupo teve pessoas do grupo que achava que não ia dar certo. Os cabeças da festa aqui na época era eu e meu primo, Ademar. A gente que mandava ver mesmo. Aí eu conversei com Ademar: ‘Bora deixar Orlando vir, ver o que ele vai fazer’. Aí: ‘Orlando, então segura?’. Segurou, graças a Deus até hoje tá dando tudo certo. [...] Eu agradeço a ele porque ele correu atrás. A gente tava dependendo de dinheiro pra fazer as coisas, graça a Deus ‘caiu do céu’ porque ele correu atrás. Eu peço todo dia a São João que dê saúde porque eu vou brincar o boi dele até morrer. Porque eu gosto.²⁹

Após 20 anos de brincadeira, a festa do Brilho de Lucas ocupa o lugar de tradição na família e no espaço que esta ocupa na cidade. Uma tradição que surge de forma natural no grupo familiar e se institui pela prática e repetição anual da celebração, sempre no mesmo período do ano (o mês de junho) e com caráter devocional religioso pela homenagem a São João.

O conceito de “tradição inventada”, trazido por Hobsbawn e Ranger, é uma ferramenta teórica importante para a presente análise sendo definida pelos autores da seguinte forma:

Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN e RANGER, 1984, p.10).

Nesse sentido, a referência é o bumba-meu-boi maranhense de Viana (sotaque de Baixada), respeitando a instrumentação e os personagens presentes neste sotaque, “imitando-o” no Rio de Janeiro com algumas adaptações. O boi e os figurinos inicialmente são improvisados; o boi não nasce de uma promessa, mas do desejo de relembrar a terra natal. A partir disso, cria-se a repetição anual dos ciclos de ensaio, produção de figurino, composição de toadas, decoração da rua e do altar a São João.

Os valores repassados aos integrantes e espectadores são muitas vezes ligados à ideia de ancestralidade, transmitindo a noção de que o boi representa as “origens” ou “raízes” do grupo, sendo utilizados por seus integrantes termos como “nossa cultura”, “nosso folclore”,

²⁹ Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2014, com Carlos Estevão Silva, um dos fundadores do boi adulto e miolo do boi desde seu surgimento.

“nossa cultura popular”. Sobre esse aspecto, ainda tendo como referência os estudos de Hobsbawn e Ranger, os autores pontuam:

Na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea. (Idem, p. 11)

Em entrevista com Ana Ruth Costa Marques (51), membro do grupo e uma das primeiras integrantes da família Silva Costa a vir para o Rio de Janeiro, ela ressalta o aspecto da preservação da tradição do boi, deslocado de seu espaço original, e transmissão de valores para novas gerações e para um público que nunca teve contato com esta celebração:

A nossa festa, ela é importante para a sobrevivência da cultura. E a cultura fora do Estado, é o mais importante, né? Porque dentro do Estado você tem uma visão, fora do Estado você tem outra. Quando iniciamos a nossa festa aqui, os vizinhos achavam que era macumba, por causa do batuque [...]. Depois eles foram participando, se inteirando. E a gente faz questão de explicar o porque da festa, aí que as pessoas foram entendendo. Então isso é importante para divulgar a cultura do Maranhão. Pras pessoas continuarem entendendo, sabe? Pras pessoas continuarem entendendo, sabendo. Porque a juventude hoje, elas não estão preocupadas com a cultura. E a cultura faz parte da gente. A gente tem que entender até pra você entender os lugares. Você chega num lugar, qual é a importância daquela cultura daquele Estado? Os pratos típicos daquele Estado. A juventude de hoje não se preocupa com isso. Entendeu? [...] Isso é a importância do nosso grupo.³⁰

A tradição criada na história do Brilho de Lucas, nunca havia passado por uma crise em sua história. Quando sua continuidade é comprometida, Orlando, leva a festa adiante impedindo que acabe. O brincante mais distante se torna diretor do grupo, organiza os demais membros em funções e cargos, se utiliza da internet para divulgar o grupo e insere o Brilho de Lucas em um novo momento.

Orlando também se aproxima de outros grupos de migrantes, maranhenses e de outros Estados, que atuam promovendo celebrações da cultura popular, e passa a convidá-los para participar da festa e divulgá-la. O grupo passa a ser indicado para apresentações extras, fora do mês de junho (mediante pagamento de cachê) e com isso garantem um pequeno caixa para o grupo. Como dito na fala de Orlando, em 2009 o Brilho de Lucas é, pela primeira vez,

³⁰ Entrevista realizada no dia 12 de abril 2014 com Ana Ruth Costa Marques, responsável pela arrumação do altar para São João e integrante do grupo desde sua fundação.

aprovado em um edital promovido pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. Veremos algumas dessas conquistas de forma mais detalhada mais a frente.

Como a festa continua, vamos adiante, ao segundo capítulo, no qual trataremos da identidade e da festa, realização fundamental para a consolidação do grupo no espaço.

CAPÍTULO 2 – A FESTA DO BRILHO DE LUCAS

*“Brilho de Lucas tá saindo bem da frente do altar.
Brilho de Lucas tá saindo bem da frente do altar
Ô Brilho de Luca,s tá na hora de brilhar
Eu já rezei meu São João
Eu já rezei ô pra meu “boi” levantar.
Se aproxima meu vaqueiro, ô pra meu “boi” levantar
Se aproxima meu vaqueiro, ô pra meu “boi” levantar
Ô Brilho de Lucas ta na hora de brincar
Eu já brilhei meu São João
Eu já brilhei e continuo a brilhar”³¹*

No capítulo anterior, ao apresentarmos o Boi Brilho de Lucas e sua trajetória, abordamos os conceitos de memória coletiva, comunidade afetiva e tradição inventada, sendo estes fundamentais para pensarmos a coesão e continuidade do grupo Boi Brilho de Lucas durante mais de 25 anos promovendo a festa do bumba-meu.

No presente capítulo trataremos o conceito de identidade cultural, abordando especificamente a festa e seus processos de realização, entendendo-a como fundamental para o surgimento, consolidação e atualização da identidade do grupo no espaço que ocupa em Parada de Lucas.

2. 1 – IDENTIDADE MARANHENSE EM PARADA DE LUCAS

A cultura é algo passível de processos e deslocamentos, características que garantem sua dimensão fluida e diversa na sociedade contemporânea. Considerando a relação com o espaço, podemos perceber esses aspectos, por exemplo, nos termos “cultura do lugar” e “lugar da cultura”, os quais remetem a significados diferentes. No primeiro podemos pensar em algo que se torna arraigado a um espaço, ou associado à uma tradição daquele espaço. O segundo sugere a característica processual e dinâmica da cultura, que não é hermética, que se desloca, que pode ocupar diversos espaços (RODRIGUES, 2013). Considerando os processos inerentes a esse campo, incluindo a ação de políticas públicas, o “lugar da cultura” e a “cultura do lugar” estão em constantes modificações e deslocamentos.

³¹ Toada composta pelo brincante João Mendonça, que era integrante do Brilho de Lucas mas voltou a residir na cidade de Viana - MA.

O bumba-meu-boi é repleto desses processos em seus registros pelo Brasil, como evidenciado no primeiro capítulo. Esta celebração arraigada em diversos Estados nordestinos, em especial no Maranhão, está espalhada por grande parte do território nacional, nos quais também se tornaram tradição. O Boi Brilho de Lucas conquistou o espaço no qual está inserido, levando no nome do bairro em seu título e sendo também conhecido como “o boi de Lucas”.

Ressaltamos que os estudos acerca do conceito de identidade cultural na contemporaneidade apontam constantemente para esse caráter fluido, disperso e fragmentado das identidades assumidas pelos sujeitos sociais inseridos no antigo e acirrado processo de globalização.

De acordo com os estudos de Stuart Hall (2011), o sujeito social foi submetido a diferentes processos de formação de identidade de acordo com o período no qual estava inserido. A análise do autor destaca três momentos: o sujeito do Iluminismo; o sujeito social, na modernidade; e o sujeito pós-moderno. É sobre este último que surge a análise do sujeito e sua identidade na concepção contemporânea, sendo possível falar em uma identidade “que se esvai e se dispersa nas múltiplas possibilidades de coexistência social” (GUEDES, 2013, p.4). O sujeito pós-moderno é multifacetado e se insere numa “crise” devido a sua fragmentação identitária. Um dos fatores decisivos para essa fragmentação são os deslocamentos pelo território global, as migrações:

As sociedades multiculturais não são algo novo. Bem antes da expansão europeia (a partir do século quinze) — e com crescente intensidade desde então — a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente "mistas". (...) As pessoas têm se mudado por várias razões — desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semi-escravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico. (HALL, 2003, p. 55).

Apesar do multiculturalismo não ser algo recente, o acirramento dos processos de deslocamento e diminuição das fronteiras reais e virtuais entre continentes e grupos, intensifica o desloca a identidade dos sujeitos perdendo cada vez mais seu caráter central e fixo, assumindo o caráter fluido, disperso e fragmentando. Os intercâmbios se intensificam e as diferenças se tornam mais complexas devido a suas inúmeras possibilidades de articulação. Portanto, de acordo com Stuart Hall:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2011, p.22)

As noções de semelhanças e diferenças, pertencimento e não pertencimento aos diferentes códigos simbólicos que sustentam as trocas culturais na sociedade contemporânea são aspectos que devem ser considerados nas análises sobre identidade cultural (GUEDES, 2013).

Outro importante autor nos estudos das relações culturais é Nestor Garcia Canclini, com suas contribuições sobre o tema na esfera latino-americana. O autor segue adiante trazendo o conceito de hibridização cultural que se encaixa como uma proposta de explicação da identidade sociocultural na América Latina, marcada por intensas trocas culturais comumente associadas às noções de “mestiçagem” e “sincretismo”. Para o autor a ideia de híbrido comporta melhor o caráter multicultural ou mescla entre tradicional e moderno, ou entre popular, erudito e de massa (CANCLINI, 2013). Formas culturais separadas combinam-se compondo novas formas, o que não significa que o processo é isento de conflitos:

A hibridação sociocultural não é uma simples mescla de estruturas ou práticas sociais discretas, puras, que existiam em forma separada, e ao combinar-se, geraram novas estruturas e novas práticas. Às vezes isto ocorre de modo não planejado, ou é o resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas com frequência a hibridação surge do intento de reconverter um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. (CANCLINI, 1997, apud GUEDES, 2013, p. 113).

O conceito de híbrido trazido por Canclini para os estudos culturais consegue explicar as trocas interculturais da pós-modernidade sendo importante ferramenta para o complexo entendimento das identidades hoje, nas esferas do popular³², massivo, erudito, tradicional e moderno, além das esferas locais, nacionais e transnacionais.

A identidade do Boi Brilho de Lucas se forma à medida que o grupo fortalece sua memória, através dos encontros familiares de rememoração, e à medida que vai para a rua, transformando a celebração doméstica em pública, interagindo, envolvendo e comunicando

³² Devemos mencionar que o Boi Brilho de Lucas se insere no campo da cultura popular. O grupo se utiliza comumente do termo, assim como da palavra “folclore”. O presente trabalho não traz uma discussão sobre o uso desses conceitos. O grupo apresenta um cenário peculiar de atuação e uma história onde a rememoração e a identidade ganham destaque em suas atividades. De qualquer forma, autores como Mikhail Bakhtin, o brasileiro Renato Ortiz, assim como as próprias discussões trazidas por Stuart Hall e Canclini nesse âmbito, devem servir de referência na continuidade desta pesquisa englobando as discussões sobre identidade e cultura popular.

aos vizinhos e moradores do entorno. No decorrer dos anos, sua identidade não apenas se fortalece, mas se atualiza ao mesmo tempo em que os elementos “autênticos” da celebração são sempre buscados por seus integrantes na afirmação de uma identidade original. O grupo passa inclusive a “filtrar” algumas modificações ocorridas nos bois de Viana, com o argumento de uma escolha pelo tradicional, ou pela “essência” do bumba-boi, conforme relatado na fala de Orlando:

Quando esse grupo surgiu no Rio, foi até curioso: “como a gente vai fazer se a gente nunca brincou”? Eu sempre falo que isso tá no sangue, né? Isso tá adormecido contigo. Você sabe como fazer, você sabe como brincar, mas não brincava. E aí quando isso surge aqui, foi a grande oportunidade da gente brincar, reunir os amigos. E a coisa foi acontecendo, e a gente faz igualzinho ao que acontece lá. Inclusive, quando eu não vou [em Viana], ou vai um irmão e vê o que tá acontecendo, traz filmagem de lá pra gente. A gente tá sempre mantendo o que tá lá. E existe uma preocupação hoje nossa, aqui no Rio de Janeiro, que inclusive eu fui pra lá pro Maranhão em 2010 e voltei em 2011, é que os bois lá estão tirando alguns personagens da brincadeira. Você vai hoje na região da baixada, os cazumbas, ou cazumbás, eles brincam sem as caretas ou máscara. Eles pra sair da mesmice, eles inventaram as torres gigantescas, e as torres são pesadas, e parece que quanto maior melhor pra eles, e não é isso. A torre chega a ser uma coisa tão absurda que eles tem que brincar abaixados, e como o peso também é grande chega uma hora que eles não conseguem. Eles tem que segurar com as duas mãos, então já perde uma evolução de braço, já perde o movimento. Daqui a pouco não aguentam mais, colocam essas caretas num canto e ficam brincando com um pano na cara. Quer dizer, perdeu um pouco da essência.³³

O boi foi um ótimo argumento para os migrantes se reverem, compartilharem lembranças de Viana e criarem um território cultural no Rio, repleto de “maranhensidade” (CARVALHO, 2004, p. 43). As memórias de infância e a identificação com o boi são os elementos que constituem o grupo, sendo evidente nas falas de seus integrantes, como relatado, por exemplo, por Amilssom Silva Costa (41), que chegou ao Rio ainda criança, e desde então atua como brincante no boi de Lucas:

Quando eu cheguei, tinha meus 8 anos de idade, meus irmãos faziam a brincadeira de um boi bem pequenininho, boizinho de mão que nós chamamos. Aquilo eu olhava e refletia da minha cidade de Viana, no interior, aquela cidadezinha que todo mundo gosta de brincar o bumba-meu-boi. Eu fui sentindo isso também no meu sangue. Até me emociono em falar. Porque é aquela coisa boa, de origem. Eu lembro do meu pai, que gostava de puxar o tambor de onça. Então eu comecei a me identificar. Mesmo morando aqui no Rio, que o pessoal tinha meio que preconceito, mas jamais eu ia abandonar minhas origens. Mas hoje eu sou vaqueiro do Brilho de Lucas. [...] A festa é importante por tudo pra mim. É o meio de eu me divertir, é o meio de eu passar as origens pros meus filhos, que são todos cariocas. Relembrar o meu passado, quando eu era garoto, com medo de cazumba, vendo as pessoas dançando. Eu com aquela vontade, mas o medo do cazumba não deixava. Isso tudo lembra coisas boas, que eu gosto. Apesar de ter vindo criança do Maranhão, eu não largo minha raiz jamais, entendeu? E por isso o boi pra mim é educação. Me educa, me dá postura, tô mais unido com o meu povo, e adoro os meus irmãos que é o principal, a base de tudo isso, que é a minha família.³⁴

³³ Entrevista realizada, no dia 8 de outubro de 2013, com Orlando Silva Costa, atual diretor do Boi Brilho de Lucas. Sobre a descrição da estrutura usada pelos Cazumbas em Viana, ver foto em Anexo I, figura 7.

³⁴ Entrevista realizada no dia 12/04/2014 com Amilssom Siva Costa, vaqueiro.

No meio desse campo, sujeito a inúmeras trocas interculturais, o grupo escolhe suas referências vianenses, como o sotaque de baixada, a instrumentação, figurinos e indumentária mais tradicionais, inclusive encomendando artigos do Maranhão. Ao mesmo tempo recusam algumas mudanças ocorridas no decorrer dos anos nos bois de Viana, como no exemplo dos cazumbas³⁵, descrito acima por Orlando. Passam também a compor suas próprias toadas, incluindo na temática a cidade do Rio de Janeiro e a memória de Viana³⁶.

O auto do boi não é realizado na festa, mas é mencionado nas toadas e em apresentações extras. Além disso, em oposição aos bois de promessa, o grupo se assume como “boi de rapaziada”, onde o grupo não tem obrigações de promessa com os Santos Católicos festejados em junho, conforme relata Carlos Estevão:

Lá no Maranhão existe toda uma etapa que você tem que cumprir porque a maioria dos bois que eles fazem lá é o boi de promessa. [...] Só que aqui não. Aqui é o boi de rapaziada que a gente fala, que não tem compromisso com o Santo. A gente brinca com o santo e faz pro Santo, mas não tem compromisso de pegar promessa pro santo. A gente faz porque a gente gosta da festa, e na minha opinião a gente faz isso pra São João porque ele contribui alguma coisa pra gente, entendeu? Não como promessa pra ele, mas ele vê o que a gente faz e ele retribui alguma coisa pra gente. Pra mim é assim. Não é só pra mim não, pra todos que participam. Aqui é uma coisa que a gente fez por hobbie, então o boi nunca morreu, entendeu? Então é lógico que quando em junho, antes da gente levar a brincadeira pra rua, a gente monta o altar, né? E a gente faz a ladainha, porque isso é até... A gente manteve isso porque é uma forma da gente pedir pra São João, que é o padroeiro, pra que a festa aconteça sem nenhum problema, como vem acontecendo desde 87 pra cá, graças a Deus nunca teve confusão nenhuma, tal. Então a gente faz a ladainha, faz a reza, e aí depois da reza o boi vai pra rua brincar. O processo é esse.³⁷

Sobre o aspecto religioso presente na festa, sem dúvida é um aspecto muito presente, inclusive no ritual de montagem e decoração do altar, reza e canto de ladainhas em homenagem ao santo. Porém, não é o aspecto central da festa, como já foi apontado também pelo fato de o boi não ser de promessa. De qualquer forma, a relação com São João também foi trazida ao Rio a partir da memória vianense. Ana Ruth Costa Marques (50) é a integrante do grupo responsável pela montagem do altar a São João. Ela fala a seguir de sua fé e de sua memória sobre esse aspecto religioso:

Eu tenho uma devoção muito grande por São João. Eu falo que o nosso relacionamento, entre eu e São João, é muito amigável, porque eu que faço o altar. Ano passado eu sonhei como ele queria o altar. E eu fiz o altar do jeito que eu sonhei. [...] Fiz com as velas na posição certinha que ele queria. Desculpa, é que eu me emociono. [...] Aí fazendo o altar eu falei pra ele: “olha, tá do jeito que você gosta, as despesas ficam por minha conta, porque eu gosto disso mesmo”.

³⁵ O Cazumba, também chamado Cazumbá, é partícipe somente dos grupos identificados como sotaque da Baixada, como é o caso dos bois de Viana e do Boi Brilho de Lucas. (IPHAN, 2011, p.102)

³⁶ Ver letras de toadas no Anexo VI.

³⁷ Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2014, com Carlos Estevão Silva, um dos fundadores do boi adulto e miolo do boi desde seu surgimento.

Porque além da nossa brincadeira existe uma fé, por detrás disso tudo. Além da cultura. Eu vim muito criança, vim com 12 pra 13 anos de lá. Eu assistia a reza pra São João porque em frente a casa da gente tinha um senhor que fazia todo ano boi. Entendeu? Então a gente participava vendo eles fazerem o altar. Mas, de dançar não. A gente só ficava vendo, porque eu era muito criança. Agora de dançar mesmo foi depois que nós viemos por Rio. E eu sempre tive isso de montar o altar, de organizar o altar.³⁸

O Boi Brilho de Lucas, apesar de familiar em sua origem e da contínua ligação com o Maranhão, é um grupo aberto a todas as pessoas que queiram participar. Seu objetivo diante do público é a divulgação da cultura do bumba-meu-boi maranhense, sendo a festa um espaço de troca e jogo, dedicado à brincadeira e a divulgação de sua cultura.

Atualmente o grupo é composto por 40 brincantes, reunindo as lideranças, Orlando, Ademar, Almir, José Antônio, Carlos Estevão, além de suas irmãs e primas maranhenses e simpatizantes, esposas, maridos e filhos cariocas que acabam se envolvendo com o Boi Brilho, participando como brincantes e/ou ajudando nos preparativos da festa e eventuais apresentações do boi.

2.2 – A FESTA DO BOI CARIOCA

A festa junina do Boi Brilho de Lucas acontece anualmente, desde 1987, no sábado mais próximo do dia 24 de junho, dia de São João, começando em torno das 19 horas, indo até a madrugada, sem hora certa para acabar. A festa acontece na Rua Joaquim Rodrigues, 169, na casa da família Silva Costa. Em 2014 a festa ocorreu no dia 21 de junho e recebeu uma média de mil pessoas³⁹.

Quando começamos tinham muitas pessoas que não apoiavam. Mas, depois, com o tempo, com o passar do tempo... Tinha que fazer abaixo assinado, assinar se podia fazer a festa. [...] Hoje não é preciso. Hoje nego cobra: ‘Ué, não vai ter a festa? Como é que é?’ Entendeu? Mas, quando começou não foi assim. Tinha que ter abaixo assinado, aí levava pra delegacia pra tirar a licença. Até hoje a gente tira a licença, tudo direitinho, mas hoje não precisa de abaixo assinado. A rua toda gosta, fica cheio. E graças a Deus a vizinhança gosta também porque apoia a gente, dão a maior força pra gente.⁴⁰

Além da rua, existem dois espaços importantes na festa. Na parte da frente da casa dos Silva Costa, onde seria possivelmente uma garagem, existe um bar da família, chamado “Folclore Maranhense”. Nele se pode encontrar, além de cervejas, destilados, alimentos não

³⁸ Entrevista realizada no dia 12 de abril com Ana Ruth Costa Marques, responsável pela preparação do altar.

³⁹ Essa média de público está baseada na observação da autora.

⁴⁰ Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2014, com Carlos Estevão Silva.

perecíveis, caldos e petistos, o famoso guaraná Jesus, raramente encontrado no Rio a não ser pela Feira de São Cristóvão. O bar é espaço fundamental para a realização da festa, já que é o único local onde se vende bebida.

Outro espaço fundamental da casa é o quintal, onde os instrumentos são afinados no fogo, e também onde é montado o altar e feita a reza e ladainha, obrigatórias antes da saída do boi, em torno das 23 horas.



Figura 2 Bar "Folclore Maranhense". Foto: O AUTOR, 21/06/14.



Figura 3 Afinando os instrumentos. Foto: O AUTOR, 21/06/14.

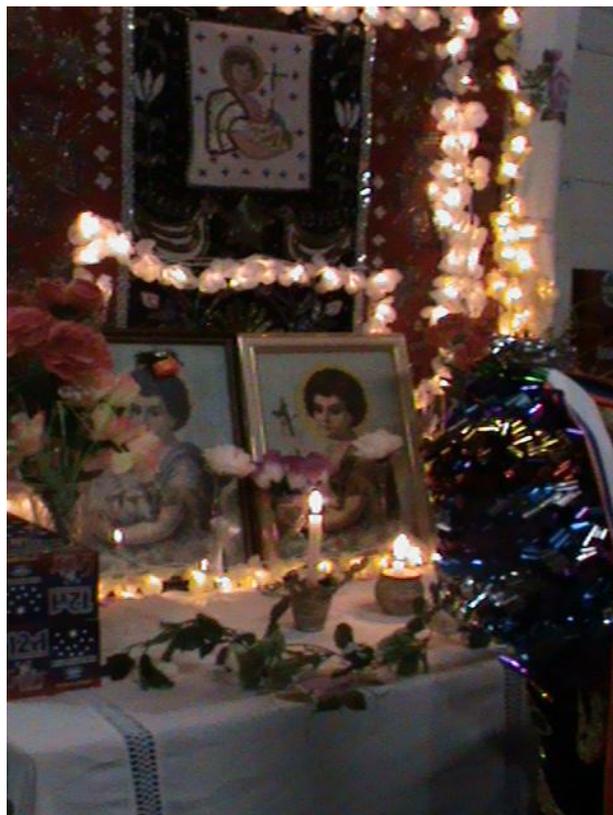


Figura 4 Altar para São João. Foto: O AUTOR, 21/06/14.

Os dois espaços citados estão presentes no relato de Carlos Estevão, que também descreve a participação do público, que é sempre convidado a brincar com o boi no decorrer da apresentação:

A festa sempre foi casa cheia. Sempre na rua, em frente a esse barzinho. A gente faz a reza aqui nos fundos na casa, na varanda. Só participantes são 40, no grupo. 40, 43, entendeu? Ainda tem as pessoas de fora que querem porque querem entrar. Então a gente não vai dizer não. Depois da primeira toada, segunda toada, pode invadir todo mundo que a festa é pra gente. É bonito isso. É agradável, é gostoso de ver. Você vê as pessoas conversando, sorrindo pra você. Dizendo pra você, 'tua festa é maravilhosa, tua festa é bonita'. Você tem mais é que agradecer, né isso?⁴¹

Para a realização da festa, o grupo realiza seu próprio ciclo de preparação: ensaios; preparação de figurinos; preparação dos instrumentos; decoração da rua; organização de barraquinhas e infra-estrutura; preparação do altar.

Em 2014, os encontros marcados para falar sobre a festa já estavam acontecendo no mês abril, aos sábados, com reuniões para discutir ideias para a festa. Inclusive o ano de Copa do Mundo e decoração baseada neste evento foram pontos discutidos nessas primeiras

⁴¹ Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2014, com Carlos Estevão Silva.

reuniões, assim como a pauta divulgação. Esta se realiza pela internet (e-mail, redes sociais e blogs), rádios comunitárias parceiras, e jornais de bairro. Além, é claro do boca a boca.

Os ensaios são sempre no mês anterior a festa, em maio, abertos ao público, sempre aos sábados a partir das 20 horas. Nos ensaios o repertório é definido e são criadas novas composições, que também dividem espaço com toadas “clássicas” e por isso obrigatórias no repertório⁴². O grupo reúne seus batuqueiros e cantadores para passar e repassar as toadas cuidadosamente, treinando o gingado e bailado das palavras, que quando cantadas com algum atraso ou antecipação atravessam todo o batuque.

Nesses dois meses anteriores a festa os figurinos e instrumentos são cuidadosamente tratados e consertados quando necessário. As roupas são para os personagens de cazumbas, vaqueiros, índias, batuqueiros, cantador, burrinhas e boi. Os instrumentos são pandeirões maranhenses, apito, caixas, agogô, surdo, maracá, tambor onça (semelhante a cúica, mas com som grave) e xequeré. Algumas adaptações são o agogô e o xequeré, que não são comuns no boi do Maranhão. Interessante notar que logo no início, antes de o grupo compor a instrumentação do boi à maneira vianense, o primeiro instrumento comprado pelo grupo foi um tantan, típico do samba:

Primeiro instrumento que a gente comprou foi um tantan. Fui eu e Ademar na Bandolim de Ouro, lá na Central. No dia que a gente foi comprar a gente já veio bêbado os dois, batendo dentro do ônibus cantando boi. Ninguém nem sabia o que era aquilo. Mas, foi muito engraçado, quando começou essa festa. A gente curtia muito, sabe por que? Porque a festa tradicional nossa é essa. Não tem carnaval pra mim. A festa do bumba-meu-boi pra mim é a festa. E outra coisa, quando a gente morava no Maranhão eu não era ligado a bumba-meu-boi, eu ia pra curtir assim, mas não pra brincar. Era pra ver, mas não pra brincar. Até que um dia, quando eu fui daqui do Rio passar um tempo lá, meu colega falou: ‘po, eu vi teu vídeo lá no bumba-meu-boi do Rio de Janeiro, mas tu nunca brincou boi como que tu aprendeu a rolar boi lá no Rio? Eu acho que o cara que conhece a cultura não precisa aprender pra dançar o boi, é só vê.⁴³

Sobre o espaço de realização da festa, a rua é decorada com bandeirinhas. Em 2014 muitas foram verdes e amarelas, além de uma grande bandeira do Maranhão, presente todos os anos, pendurada no meio da rua, com duas bandeiras de São João nos lados, como mostra a figura 5, abaixo. As barraquinhas montadas são utilizadas por vizinhos e por parceiros maranhenses para a venda de comidas típicas, entre salgados e doces, como bolo de aipim,

⁴² Dois exemplos de toadas famosas, tidas como hino, são: “Maranhão, meu tesouro meu torrão” (Humberto de Maracanã) e “Se não existisse o sol” (Chagas). Ver as letras em Anexo V.

⁴³ Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2014, com Carlos Estevão Silva.

arroz de cuxá, torta de camarão, entre outros, assim como caldos, salsichões e tortas. Além das barracas, também é montada uma cama elástica para as crianças.



Figura 5 Decoração da rua Joaquim Rodrigues. Foto: O AUTOR, 21/06/14.



Figura 6 Decoração da rua Joaquim Rodrigues. Foto: O AUTOR, 21/06/14.



Figura 7 Rua decorada e parte do público. Foto: O AUTOR, 21/06/14.



Figura 8 Máscaras do personagem cazumba. Foto: O AUTOR, 21/06/14.



Figura 9 Roupas dos cazumbas penduradas no quintal, prontas para serem vestidas. Foto: O AUTOR, 21/06/14.

Além do alvará junto aos Bombeiros e outros procedimentos burocráticos fundamentais para a realização do evento na rua, o grupo também providencia alguns seguranças para dar apoio e um ônibus é oferecido gratuitamente para o público que vem do Centro e Zona Sul. O ônibus de 42 lugares sai às 19h30 da Fundação Progresso, Lapa, e retorna às 3 horas da madrugada para o mesmo local.

Desde 2008, a convite de Orlando Silva, outros grupos de cultura popular se apresentam como atração da festa antes do Boi Brilho de Lucas. Orlando os convidou no intuito de agregar mais pessoas ao evento e divulgar ainda mais a festa, além, é claro, da identificação com esses grupos, já que todos trabalham difundindo a cultura popular de seus Estados. Os grupos são a Cia. Mariocas e a Cia. As Três Marias, ambos formados por migrantes maranhenses que apresentam roda de Tambor de Crioula e Cacuriá.

A festa é o espaço que comporta as inúmeras trocas entre a vizinhança, os simpatizantes e os membros do Boi Brilho de Lucas. Um espaço multicultural, por seus frequentadores, por sua culinária e pela música, de toadas de boi a forró. É um importante espaço de convivência que nos anos iniciais, a partir de 1987, teve que ultrapassar o preconceito e desmistificar a batucada, que era chamada pejorativamente de “macumba”, não sendo por isso bem aceita. Hoje os moradores adoram, participam e divulgam.

A igreja do bairro, Igreja de São Sebastião, tem a frente o Padre Sérgio, que também é parceiro da festa e amigo pessoal dos integrantes do boi. Um padre que participa batendo matraca e conduzindo a reza para São João.

A festa atrai um público diversificado, composto por moradores do bairro e de outros cantos da cidade, se configurando como um espaço multicultural. Em 27 anos de bricadeira, o Boi Brilho de Lucas tem sua identidade e memória constantemente atualizadas pelo intenso intercâmbio entre seus agentes e o público, pelas referências buscadas em outros grupos e por esporádicas viagens a terra natal.

CAPÍTULO 3 – PRA ONDE VAI ESSE BOI?

O fluxo de informações em torno da memória do grupo não ocorre de maneira fechada, restrita apenas aos integrantes, familiares e agregados. Ela acontece também com outros grupos que se dedicam à prática e ao estudo de manifestações populares brasileiras, migrantes ou não, maranhenses ou de outros Estados. Esse contato foi importante para a ampliação de perspectivas enxergando novos caminhos para o Boi trilhar.

Dentre as articulações com outros grupos, destacamos a Cia. Mariocas (formada por maranhenses e cariocas), com os gêmeos Rômulo e Ramon à frente, e a Cia. As Três Marias, com a pesquisadora e doutora em danças de umbigada Juliana Manhães. Ambos os grupos são formados por jovens migrantes maranhenses que vieram para o Rio de Janeiro para atuar artisticamente nas linguagens da dança, música e teatro. São artistas que se “vestem” do conceito de brincante (dançam, tocam e atuam) e trazem como referência em seus grupos a cultura popular de seu Estado. Além disso, participam de discussões e estudos a respeito do tema “cultura popular” e buscam entender e se utilizar das políticas públicas em cultura, se inscrevendo em editais de fomento, circulação e leis de incentivo. A partir dessa vivência, os integrantes se articulam e orientam uns aos outros indicando os caminhos e descobrindo “na raça” como “se produzir”, através ou não de políticas culturais, atuando como produtores culturais de maneira informal.

Nessa perspectiva, outros grupos, muitas vezes constituídos por cariocas, foram atraídos pela história e pela festa do boi de Lucas e também estabeleceram um produtivo intercâmbio. Como exemplo, citamos o Grupo de Pesquisa Cavalinho Boidaqui, com pesquisador Lucio Enrico à frente, e a Companhia Folclórica da UFRJ. Sobre esse aspecto, a antropóloga Luciana Carvalho (2004) também destaca o intenso fluxo de trocas entre esses grupos e o Brilho de Lucas, e afirma que alguns migrantes encontram nos grupos parceiros uma rica fonte de atualização e informação:

Como boa parte dos migrantes maranhenses no Rio frequenta pouco a terra natal, são sobretudo cariocas participantes de circuitos locais de estudo e pesquisa sobre diferentes expressões populares – universitários, músicos, artistas plásticos – que atualizam e informam o Brilho de Lucas a respeito de temas caros ao “folclore maranhense”. Um intenso intercâmbio de informações e práticas culturais estabelece-se, então, entre migrantes e nativos que comungam um interesse particular em “preservar” e “reviver” certas expressões populares. (CARVALHO, 2004, p. 45)

Nesse sentido, à medida que esse intercâmbio acontece, novas perspectivas surgem e o Boi passa a buscar novos “espaços” no campo da cultura. Ressaltamos que a relação com outros grupos se intensifica com a entrada de Orlando na direção do Brilho de Lucas no ano de 2007, e a partir disso elencamos alguns marcos para o grupo, tido por eles como conquistas em sua trajetória.

3.1 – CONQUISTAS

Um dos momentos importantes da história do Boi Brilho de Lucas foi em 2005, quando um de seus integrantes, José Antônio Castro, viajou a Brasília para representar o Boi Brilho de Lucas no Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, realizado pelo Ministério da Cultura (Minc), na época com Gilberto Gil como Ministro e Juca Ferreira como Secretário Executivo, e pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, com Sérgio Mamberti à frente. José Antônio conseguiu embarcar graças à articulação do boi junto aos grupos parceiros, mais engajados, que se uniram e conseguiram viabilizar sua ida através do Minc.

A participação no Seminário reverberou como um reconhecimento e um impulso à continuidade das ações e do comprometimento com a cultura e a “tradição” difundidas através da festa e das apresentações do boi. Participar de um evento desse porte que reunia grandes mestras da cultura popular do país foi de extrema importância para o grupo, pois fortaleceu o sentimento de que o grupo é um agente produtor e difusor de cultura popular através do bumba-meu-boi e da celebração junina.

Buscando cada vez mais informações sobre o campo das políticas públicas em cultura, o grupo vai se informando sobre processos de seleção e chamadas públicas em editais específicos para a cultura popular. Em 2009 o grupo se inscreve no edital Prêmio Culturas Populares 2009 - Edição Mestra Dona Izabel – artesã ceramista do Vale do Jequitinhonha. O prêmio é promovido como uma ação do Programa de Promoção das Culturas Populares realizado pela Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural. O Brilho de Lucas foi um dos contemplados, com o projeto “Perpetuando o Folclore com Brilho” recebendo o prêmio de dez mil reais que foi direcionado para festa, com investimento nos figurinos, instrumentação,

altar e outras necessidades relacionadas à festa em Parada de Lucas⁴⁴. Sobre esse momento e sobre as trocas com outros grupos, Orlando relata:

Foi em 2009. E aí a gente foi contemplado, e tal, a gente conseguiu essa verba e a gente reformulou roupa, instrumento. Pintamos, demos um padrão pra roupa e tal. E o pessoal gostou pra caramba. E aí com a organização do site, outros grupos também se aproximaram. Foram os Mariocas, As Tres Marias, que na época a Juliana tava bem a frente, e tal. O grupo de pesquisa Cavalo Marinho, que é o Lucio Enrico que coordena. Então esse grupos já vieram, já fizeram apresentação com a gente, e aí passaram a indicar o grupo pra fazer apresentações, fora inclusive. Aí a gente foi cobrando cachezinho e foi dando pra sobreviver. E aí em 2011, eu falei: “olha, a gente tem que constituir juridicamente o grupo”. Vamo fazer uma associação.⁴⁵

Com o aumento na demanda de apresentações, inclusive algumas fora do Estado, o grupo percebe a necessidade de se constituir como uma associação, tendo seu próprio CNPJ. Assim, em 2011, o grupo passa legalmente a se chamar Associação Folclórica Bumba-meu-boi Brilho de Lucas. A auto-estima do grupo se fortalece, na medida em que eles valorizam seu status agora registrado e constituído legalmente.

Outra conquista foi em 2012, com a entrada da festa no Calendário Oficial da cidade do Rio de Janeiro através da Lei Nº 5.412, de 22 de maio de 2012, tendo como autor o vereador Carlinhos Mecânico, que foi morador de Parada de Lucas⁴⁶.

Por fim, em 2013, o grupo se inscreve novamente no Prêmio Culturas Populares, desta vez na edição “100 anos de Mazzaropi – a Cultura Popular no cinema”, também promovido pelo Minc através da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural. Quatro anos depois, o Boi Brilho de Lucas novamente é selecionado e contemplado com o mesmo prêmio de dez mil reais. Sobre o Prêmio Culturas Populares, o Minc define:

O concurso selecionará 350 premiados, dentre Mestres (170 prêmios), Grupos/Comunidades (170 prêmios) e Mestres *in memoriam* (10 prêmios). O Prêmio tem como objetivo reconhecer a atuação de Mestres e Grupos/Comunidades responsáveis por iniciativas exemplares que envolvam as expressões das culturas populares brasileiras. De acordo com o Edital, entende-se por iniciativas exemplares, as que envolvam as expressões das culturas populares brasileiras como ações e trabalhos, individuais ou coletivos, que fortalecem as expressões culturais populares, contribuindo para sua continuidade e para a manutenção dinâmica das diferentes identidades culturais no Brasil. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2012)

Cada uma dessas realizações é elencada pelo grupo como uma conquista dentro da longa trajetória desse boi em Parada de Lucas. Os dirigentes assumem uma postura ainda mais

⁴⁴ Ver Anexo IV.

⁴⁵ Entrevista realizada , no dia 8 de outubro de 2013, com Orlando Silva Costa, atual diretor do Boi Brilho de Lucas.

⁴⁶ Ver Anexo II.

proativa na divulgação e difusão de sua identidade no bairro e na cidade, atuando como agentes culturais importantes. Tais conquistas trouxeram novas perspectivas para o grupo.

3.2 – PERSPECTIVAS.

Quando perguntados sobre os rumos que gostariam de dar ao Boi Brilho de Lucas, em termos de atividades e ações a serem desenvolvidas, o grupo praticamente de forma unânime deseja ampliar a divulgação da festa. O intuito é atrair um público ainda maior para a brincadeira, fazendo o evento ganhar mais notoriedade em outros bairros da cidade, atraindo também outros maranhenses que não conheçam a festa.

Muitos grupos que atuam em cultura popular tem como referência o modelo de Ponto de Cultura⁴⁷. É recorrente desejo de grupos de cultura popular em ampliar suas ações oferecendo oficinas para crianças e jovens, por exemplo, no intuito de divulgar e ganhar mais autonomia. No caso do Boi Brilho de Lucas, o que trava esse desejo é a ausência de um espaço físico que comporte de maneira eficiente e segura esta iniciativa. Como esse espaço ainda não existe, outra possibilidade desejada pelo grupo é atuar em escolas do bairro realizando apresentações didáticas para crianças e jovens, levando o auto do boi e seus personagens para o ambiente escolar em eventos específicos.

A ideia de atuar em escolas do bairro também tem o objetivo de trazer mais jovens para o grupo, buscando gerar o interesse na celebração e uma integração maior com o bumba-meu-boi e com a festa. Alguns integrantes do grupo têm filhos ainda crianças ou adolescentes que brincam como índias e vaqueiros. São filhos nascidos no Rio que percebem a importância da festa para seus pais e de alguma forma já criaram uma relação de afetividade com a celebração, com o espaço e com o bumba-boi. Podemos perceber isso na fala de Larissa (14), filha de Orlando:

Eles moram aqui há um tempão. Eu acho que é por isso que aqui é que eles gostam de fazer a festa. Pra mim não tem tanta importância quanto pra eles que são maranhenses, que praticamente criaram o boi. O pessoal mais próximo daqui também pode assistir, por que

⁴⁷ Ação do Programa Cultura Viva, os Pontos de Cultura são espaços que recebem financiamento do governo por três anos para realizarem ações de articulação, recepção e disseminação de iniciativas culturais, dando empoderamento e autonomia aos agentes culturais locais. “O Ponto de Cultura agrega agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades, e destas entre si. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a sociedade civil. A adesão à rede de Pontos de Cultura é voluntária, realizada a partir de chamamento público, em editais lançados pelo Ministério da Cultura, pelos governos dos Estados ou pelas Prefeituras” (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2013).

muita gente também vem pra cá pra assistir o boi e não as outras apresentações que tem, porque não tem oportunidade de ver. [...] Pra mim o meu pai tenta passar a cultura maranhense, a história de vida dele também, que ele trouxe pra cá. [...] Além de eu dançar, vem muitos amigos pra cá. A minha família vem pra cá, se reúne. E é uma coisa que eu gosto porque isso deixa o meu pai orgulhoso, ver todo mundo junto, todo mundo reunido se divertindo, e é uma coisa que ele tenta passar pros outros. Então, é uma maneira de eu ajudar ele a passar também. Então eu gosto da festa porque reúne meus amigos, reúne a família e é uma forma de deixar meu pai orgulhoso também. Ver que todo mundo tá gostando e ajudar ele a fazer as pessoas gostarem também.⁴⁸

Por fim, quando perguntados sobre o desejo de voltar ao Maranhão, todos os integrantes entrevistados responderam: “Não”. Querem ficar no Rio e tocar o boi adiante, até quando der.

3.3 – OUTROS MARANHENSES NO RIO

Durante a pesquisa, naturalmente chegaram informações sobre outros grupos de migrantes maranhenses atuantes no Rio de Janeiro promovendo manifestações culturais de seu Estado. Foi interessante perceber uma articulação, mesmo que informal entre os grupos. Por exemplo, um grupo participa da festa realizada pelo outro. Dessa forma, todos passam a se conhecer de alguma forma ou tomam conhecimento de suas respectivas ações. Pensando no território da cidade do Rio de Janeiro, é possível apontar um futuro mapeamento de grupos atuantes neste cenário e possivelmente estabelecer uma análise sobre suas relações com esse território.

Portanto, seguem alguns brevíssimos apontamentos de grupos de maranhenses localizados e atuantes na cidade do Rio de Janeiro⁴⁹.

- **Companhia Os Mariocas:**

Local: A sede é na Casa do Maranhão, Rua Senador Pompeu, 34, Centro.

Descrição: Realizam apresentações de Tambor de Crioula, bumba-meu-boi, cacuriá, além do bloco de carnaval. Tem como líderes os gêmeos Rômulo e Ramon que atuavam como dançarinos e brincantes no Maranhão. Vieram para o Rio para atuar como artistas. Atualmente estão a frente da Cia., mas exercem outras atividades profissionais para compor a renda familiar.

⁴⁸ Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2014, com Larissa Bonfim Costa, índia e filha de Orlando Silva Costa.

⁴⁹ Os apontamentos surgiram a partir das entrevistas e pesquisa de campo realizada em Parada de Lucas. Nas entrevistas e conversas informais, de vez em quando surgiam referências a outros grupos de maranhenses atuantes no Rio de Janeiro.



Figura 10 Cia. Os Mariocas. Foto: autor desconhecido.

- **Colônia Maranhense do Rio de Janeiro:**

Local: A sede também é na Casa do Maranhão, Rua Senador Pompeu, 34, Centro, mas a festa é realizada há 47 anos no Clube Ascaer, na Ilha do Governador.

Breve descrição: Realizam a Festa do Divino Espírito Santo há mais de 45 anos na Ilha do Governador. Seus principais líderes são as caixeiros Dona Antônia, Dona Gercy, Dona Vitorinha e sua diretora cultural, Ildenir de Souza.



Figura 11 Mastro do Divino Espírito Santo em festa da Colonia Maranhense no Clube Ascaer, na Ilha do Governador.
Foto: O AUTOR, maio de 2012.

Há outras três festas do Divino organizadas por maranhenses no Rio, mas celebradas em terreiros de mina criados também por migrantes (ROCHA, 2005, p. 13):

- **Terreiro Cazuá de Mironga**, localizado em Seropédica. Foi fundado por José Mirabeau Pinheiro, maranhense nascido em Alcântara que era devoto do Divino.

- **Terreiro Ilê de Iansã-Obaluaiê**, em Nova Iguaçu. Foi fundado na década de 70, tem como zeladora Dona Antônia, há cerca de 30 anos exercendo a sua fé e religiosidade na mina.

- **Terreiro de Dona Margarida, Abassá de Mina Jeje-Nagô**, fica no bairro de Costa Barros e foi fundado na década de 80, o mais recente.

- **Bumba-meu-boi Estrela de Gericinó de Bangu:**

Local: Espaço Raízes Gericinó, na Comunidade do Catiri, em Bangu.

Descrição: Realiza a festa do bumba-meu-boi com foco no público infantil e em ações de inclusão social através de oficinas de dança e corte e costura para adolescentes e adultos. Atualmente o grupo é constituído como ONG. O grupo também surgiu pela ação de migrantes maranhenses. Tem como líder Auricelia Padilha. (CUNHA, 2013)



Figura 12 Bumba-meu-boi Raízes de Gericó. Foto: Bruno Cunha

- **Rua do Reggae ou Recanto dos Maranhenses na Feira de São Cristóvão**

Local: Rua Piauí, dentro do Pavilhão Luiz Gonzaga, sede da Feira de São Cristóvão.

Descrição: São realizadas festas de onde se toca reggae, gênero musical extramente ouvido e produzido no Maranhão. Muitas das músicas tocadas nesse espaço são “importadas” de lá. Um dos nomes de destaque é o DJ maranhense Luís Henrique, “O Incomparável”. (ALBUQUERQUE, 2008)



Figura 13 Rua do Reggae, Feira de São Cristóvão. Foto: Carlos Albuquerque.

Os grupos/ eventos mencionados brevemente acima, servem para trazer um pequeno panorama de ações realizadas por grupos de migrantes maranhenses. De maneira informal os grupos acabam tendo conhecimento uns dos outros. Este breve apontamento sugere a possibilidade de um estudo mais profundo e detalhado sobre suas histórias, ações e articulações na cidade do Rio de Janeiro, possibilitando um mapeamento cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial trazida por esta pesquisa: o que motiva a continuidade da festa e do grupo Boi Brilho de Lucas até os dias de hoje, sendo realizada há 27 anos? Sem dúvida a memória do grupo se apresenta como fundamental elemento de coesão em torno da festa e de sua continuidade. Tal memória é constituída pelas memórias individuais que são reativadas e atualizadas com o fortalecimento dos encontros familiares para relembrar a terra natal. Essa memória que constitui uma comunidade afetiva é a base para a formação da identidade do Boi Brilho de Lucas.

Essa identidade também é constantemente atualizada, especialmente pela idéia de hibridização cultural, onde as intensas trocas culturais fazem surgir aspectos novos nas identidades de grupos. Um fator importante, que foi o elemento surpresa durante a pesquisa, foi encontrar a articulação com outros grupos ligados aos estudos e práticas de cultura popular no Rio de Janeiro. Tais grupos trouxeram referências e orientações importantes para as conquistas do Boi Brilho de Lucas e para a ampliação de suas perspectivas de atuação enquanto agentes culturais difusores da cultura maranhense do bumba-meu-boi no Rio de Janeiro.

Confirmamos também, através das entrevistas, que a possibilidade de realizar a festa do bumba-boi no Rio de Janeiro como um brincante ativo, e não como mero espectador, também contribui para a continuidade desta celebração ao longo dos anos, pelo fato de representar um momento de alegria, prazer e devoção descoberto em terras cariocas. Momento que os brincantes nem consideram abrir mão.

A associação Folclórica Bumba-meu-boi Brilho de Lucas, tratado o tempo inteiro nessa pesquisa como Boi Brilho de Lucas, esteve absolutamente disponível e receptivo diante dessa e de outras pesquisas que estão sendo realizadas. O grupo tem muito orgulho em relação à sua festa e isso se evidencia nas falas de cada integrante entrevistado.

São muitos os aspectos que podem ser abordados em torno deste objeto, mas este é apenas o início de uma pesquisa que pretende continuidade e aprofundamento nas buscas de mais ferramentas teóricas que possam trazer novas e complementares análises sobre o grupo.

O boi ainda tem muito o que brincar em Parada de Lucas, espaço conquistado pelo grupo e que graças a ele se tornou repleto de “maranhensidade”.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Carlos. O Reggae incomparável da Feira de São Cristóvão. **O Globo**. Versão digital, 22 maio 2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/riofanzine/posts/2008/05/22/o-reggae-incomparavel-da-feira-de-sao-cristovao-104050.asp>. Acesso em: 13/03/2014.
- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte; Itatiaia; Brasília: INL/Fundação Pró - Memória, 1982.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- CARVALHAL, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**. Revista Espaço Acadêmico, nº 56, Janeiro/2006, mensal, ISSN 1519.6186, ANO V. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalho.htm>. Acesso em: 15 de Abril de 2014
- CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Os brincantes de Lucas e histórias de um boi migrante**. *Travessia Revista do Migrante*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, ano XVII, volume 49, p.40-45, Maio-Ago. 2004.
- CASCUDO, Luis Camara. **Contos tradicionais do Brasil**. 14ªed. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.
- CUNHA, Bruno. Projeto que revitaliza espaços culturais abre circuito na Zona Oeste do Rio. **Jornal Extra**. Versão digital. 20 de jul. de 2013. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/zona-oeste/projeto-que-revitaliza-espacos-culturais-abre-circuito-na-zona-oeste-do-rio-9076769.html#ixzz38M23u9ZZ>. Acesso em: 10/11/2014.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Querebentan de Zomadonu: Etnografia da Casa das Minas do Maranhão**. São Luís, UFMA, 1985.
- GUEDES, Viviane M. **A contribuição de Stuart Hall e de Néstor García Canclini para os estudos da identidade cultural contemporânea**. *Revista Temática*. Ano IX, nº 2, Fevereiro de 2013. Disponível em: www.insite.pro.br. Acesso em: 01/12/2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et all. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. São Luís: Iphan/MA, 2011. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/72102630/Bumba-meu-boi-do-Maranhao> Acesso em: 07 de outubro de 2013.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Editais de divulgação N.02 de 5 de Novembro de 2012 Prêmio Culturas Populares – Edição 100 anos de Mazzaropi – A cultura popular no cinema**. Novembro de 2012. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2012/11/Prêmio-Culturas-Populares-2012.pdf>. Acesso em: 25/04/2014.

_____ **Ponto de Cultura**. 28 de fevereiro de 2013. Disponível em:
<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>. Acesso em 14/04/2014.

PAULA, Mônica Da Silva. **Cultura Popular, Interculturalidade e Educação: Um Dialogo Possível** (Monografia de conclusão do Curso de Pedagogia). Rio de Janeiro: Centro De Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação da UFRJ, 2006.

PEREIRA, Carla Rocha. **Devoção e identidade: A festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). IFCS/ PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos históricos. v.5, n. 10. Rio de Janeiro: FGV, 1989, p. 3-15.

_____ **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos históricos. v.2, n. 3. Rio de Janeiro: FGV, 1992, p. 200-212.

REIS, José Ribamar de Sousa. **Folgedos e danças juninas do Maranhão**. São Luis, 2009.

RODRIGUES, Luiz A. F. **O lugar da cultura. A cultura do lugar**. Pragmatizes Revista Latino Americana de Estudos em Cultura. On line, Ano 3, número 4, p. 76-91, semestral, março 2013. Disponível em: www.pragmatizes.uff.br Acesso em: 26/10/2013.

DVD

Bumba-boi: Festa e devoção no brinquedo do Maranhão. Produção: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Direção: Abmalena Santos Sanches, Izaurina Maria de Azevedo Nunes, Jandir Silva Gonçalves. São Luis (MA), 2009. 39 minutos.

ANEXO I



Figura 14: Encontro das lideranças do Boi Brilho de Lucas. Da esquerda, em pé.: Carlos Estevão Silva, Almir Silva Costa, José Antonio Castro, Orlando Silva Costa, Aline Paes, Berenice Silva Costa, Ademar Silva Costa, Penalva, Amilsson Silva Costa. Foto: O AUTOR, 29/09/2013.



Figura 15: Boi Brilho de Lucas em 2009. Da esq.: José Raimundo Pereira Pinheiro e Carlos Estevão Silva. Foto: Elisângela Leite



Figura 16: Boi Brilho de Lucas em 2009. A frente Carlos Estevão Silva. Foto: Elisângela Leite



Figura 17: Boi Brilho de Lucas em 2009. Carlos Estevão Silva, o miolo do boi. Foto: Elisângela Leite



Figura 18: Boi Brilho de Lucas em 2009. Altar para São João. Foto: Elisângela Leite



Figura 6: Boi Brilho de Lucas. Foto: Celso Pereira, sem data. Fonte: CARVALHO, 2004



Figura 7 Cazumba em Viana com novas indumentárias. Foto: Autor desconhecido.

ANEXO II

Lei 5412/2012 que insere a festa do Brilho de Lucas no Calendário Oficial da Cidade do Rio de Janeiro.

Legislação - Lei Ordinária **LEI Nº 5.412, de 22 de maio de 2012**

*Institui o Dia da Festa Folclórica
Bumba Meu Boi Brilho de Lucas no
Calendário Oficial da Cidade
consolidado pela [Lei nº 5.146/2010](#).*

Autor: Vereador Carlinhos Mecânico

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica incluído no § 6º, do art. 6º, da [Lei nº 5.146](#), de 7 de janeiro de 2010, a seguinte data comemorativa:

"Dia da Festa Folclórica Bumba Meu Boi Brilho de Lucas a ser comemorado no último sábado do mês de junho, anualmente".

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

EDUARDO PAES

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial de 24/05/2012

Fonte: site da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/16c43624769762c003257706007313af?OpenDocument>

ANEXO III

Diário Oficial com resultado do Prêmio Culturas Populares – 100 ano de Mazzaropi, novembro de 2013.



SECRETARIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL

PORTARIA Nº 39, DE 11 DE NOVEMBRO DE 2013

Dispõe sobre o resultado dos recursos da fase de classificação do Edital de Divulgação Nº 02 de 05 de novembro de 2012 - PRÊMIO CULTURAS POPULARES - EDIÇÃO 100 ANOS DE MAZZAROPI - A CULTURA POPULAR NO CINEMA.

O SECRETÁRIO DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL no uso de suas atribuições legais, que lhes são conferidas pelo Art. 13 do Decreto nº 7.743, de 31 de maio de 2012 e com base no item 8 do Edital de Divulgação Nº 02 de 05 de novembro de 2012 - PRÊMIO CULTURAS POPULARES - EDIÇÃO 100 ANOS DE MAZZAROPI - A CULTURA POPULAR NO CINEMA, publicado no Diário Oficial da União de 05 de novembro de 2012, Seção 3, páginas 23 a 26, resolve:

Art. 1º Divulgar o resultado dos recursos interpostos, conforme divulgados na Portaria nº 36 de 21 de outubro de 2013, publicada no Diário Oficial da União de 22 de setembro de 2013, Seção 1 páginas 8 a 21.

IV GRUPOS INFORMAIS PREMIADOS

43	O Boi de Máscara de São Caetano de Odivelas na Capital	Boi de Máscara Veludinho	Maria do Socorro Correa Viegas	Belém	PA	N	97	10.000,00	Premiado
44	"Matança de Mourão"	Turma da Sede	Hebert Costa Nunes	Matinha	MA	NE	96	10.000,00	Premiado
45	Romaria da Nossa Senhora da Abadia	Comunidade Kahunga - Vão das Almas	Natalina dos Santos Rosa	Cavalcante	GO	CO	96	10.000,00	Premiado
46	Grupo Folclórico Brilho de Lucas	Grupo Folclórico Brilho de Lucas	Oriando Silva Costa	Rio de Janeiro	RJ	SE	94	10.000,00	Premiado
47	Oficinas e montagem do espetáculo teatral "Meu próprio filho me sentenciou"	Grupo Passaro Melodrama Fantasia Tem-Tem	Tais Silveira do Amaral Ferreira	Belém	PA	N	93,5	10.000,00	Premiado
48	Saudade do Jeca	Congada de Pindamonhagaba	Narcizo Ferreira de Castilho	Pindamonhagaba	SP	SE	93	10.000,00	Premiado
49	Presença Jovem na devoção	Folia de Reis Irmãos Adolfo	Baltazar Aparecido Alves	Ribeirão Preto	SP	SE	92,5	10.000,00	Premiado
50	Batendo as Tamancas	Grupo de Fandango Bando São Gonçalo	Amr Oliveira Garcia Filho	Cananeia	SP	SE	91,75	10.000,00	Premiado
51	Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida	Banda de Congo São Benedito e São Sebastião de Nova Almeida	Valdério Soeiro Bento	Serra	ES	SE	91,75	10.000,00	Premiado
52	Para reviver "Um Caipura"	Associação Cultural "Os Caipuras" - ASCOC	Clayton Ribeiro de Oliveira	Capanema	PA	N	90	10.000,00	Premiado
53	Jongo de São Benedito	Jongo de São Benedito das Piabas em Barreiras	Benedito Paixão dos Santos	Conceição da Barra	ES	SE	89,25	10.000,00	Premiado
54	Grupo Folclórico Marujada	Grupo Folclórico da Marujada	Adão Matias de Souza	Couto de Magalhães de Minas	MG	SE	89	10.000,00	Premiado
55	"Um solo produtivo e rico no peito do nordeste pulsa, o coração do velho Chico"	Fazenda Lampião do Coroné Chumbinho de Maneabeira	Leonilson da Costa Aquino	João Pessoa	PB	NE	89	10.000,00	Premiado
56	Peregrinação da Folia do Divino Espírito Santo de Ubatuba	Grupo de Folia do Divino Espírito Santo de Ubatuba	Laurana Lúcia de Oliveira Santos	Ubatuba	SP	SE	88	10.000,00	Premiado

ANEXO IV

ATO EDITAL Nº 010, DE 02 DE AGOSTO DE 2010,
DE HOMOLOGAÇÃO DO RESULTADO FINAL DO
CONCURSO PÚBLICO PRÊMIO CULTURAS POPULARES 2009 - EDIÇÃO MESTRA
DONA IZABEL – ARTESÃ CERAMISTA DO VALE DO JEQUITINHONHA

O Secretário da Identidade e da Diversidade Cultural, no uso de suas atribuições conferidas pela Portaria Ministerial nº 48, de 02 de Outubro de 2007, publicada no DOU, em 03 de outubro de 2007, que cria o Programa de Promoção das Culturas Populares, resolve:

Art. 1º - Publicar a relação das iniciativas que substituirão os candidatos que não atenderam as condições legais, fiscais e técnicas indicadas no item 11 do Edital de Concurso Público nº 5 de 14 de julho de 2009 - Prêmio Culturas Populares 2009–Edição Mestra Dona Izabel-Artesã Ceramista do Vale do Jequitinhonha (Anexo I)

Art. 2º- Considerando a suplementação de recursos orçamentários, divulgar anexo II, a Segunda relação das iniciativas classificadas e selecionadas, que concorreram ao **EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO Nº 005, de 14 de julho de 2009**, publicado no DOU.

ANEXO II

2ª Seleção de Premiados – GRUPOS

Ord.	NºInsc	Grupo ou Comunidade Repres.	Grupo ou Comunidade	Inciativa	Município/UFF
66	GI-269	Grupo Folclórico Brilho de Lucas	Orlando Silva Costa	Perpetuando o Folclore com Brilho	Rio de Janeiro/ RJ

ANEXO V

MARANHÃO MEU TESOURO MEU TORRÃO

(Humberto de Maracanã)

Maranhão, meu tesouro, meu torrão
Fiz esta toada, pra ti Maranhão
Maranhão, meu tesouro, meu torrão
Eu fiz esta toada, pra ti Maranhão

Terra do babaçu
Que a natureza cultiva
Esta palmeira nativa
É que me dá inspiração
Na praia dos lençóis
Tem um touro encantado
E o reinado
Do rei Sebastião

Sereia canta na proa
Na mata o guriatã
Terra da pirunga doce
E tem a gostosa pitombotã
E todo ano, a grande festa da Jussara
No mês de Outubro no Maracanã

No mês de Junho tem o bumba-meu-boi
Que é festejado em louvor à São João
O amo canta e balança o maracá
A matraca e pandeiro
É quem faz tremer o chão

Esta herança foi deixada por nossos avós
Hoje cultivada por nós
Pra compôr tua história, Maranhão

SE NÃO EXISTISSE O SOL

(Chagas)

Se não existisse o Sol
Como seria pra Terra se aquecer?
Se não existisse o mar
Como seria pra natureza sobreviver?
Se não existisse o luar
O homem viveria na escuridão
Mas como existe tudo isso meu povo
Eu vou guarnicê meu batalhão de novo.

ANEXO VI

Toadas compostas pelos integrantes do Boi Brilho de Lucas:

I)

Eeee, Rio de Janeiro
Tu foste capital federal
Mas, esse direito
Ooh, Tu perdeu
Ficou com Brasília

O morro todo chorou
Preferi toda alegria
Mas, não me importa Rio de Janeiro,
Que beleza
Tudo é uma maravilha

--

II)

Vaqueiro, ooh vaqueiro
Sai tambor pra buscar meu boi
Que pai Francisco me roubou

Traga ele pra mim
Ele tem muito valor
No terreiro do Brilho de Lucas
O Padroeiro festejou

III)

Ohh quando eu cheguei em Parada de
Lucas
O meu boi urrou pra valer
Ele veio me cumprimentar
Eu disse a ele
Ohhh Brilho de Lucas
Te prepara
Tá na hora
Vem brilhar no terreiro

--

IV)

Seleção brasileira
Só tá dando emoção
Com Felipe o time que vai ser
Nosso hexa campeão

Quero pedir pra esse povo
Vamos fazer oração
Pra botar nosso time em campo
Com bola na rede
É pra nós ser campeão

ANEXO VII

Roteiro da entrevista:

- 1) Me diga seu nome completo, data e local de nascimento.
- 2) Em que ano e como você veio para o Rio de Janeiro?
- 3) Quando e como você começou a participar do Boi Brilho de Lucas?
- 4) Você brincada o boi no Maranhão? Quais são suas lembranças?
- 5) Qual o papel que você desempenha no boi? Qual o personagem que veste?
- 6) Qual a importância da festa pra você?
- 7) Existe, pra você, um aspecto religioso muito forte na festa?
- 8) E qual a importância da festa para o bairro de Parada de Lucas?
- 9) O que você acha que tem de diferente no Boi de Parada de Lucas?
- 10) Você costuma viajar para o Maranhão, de vez em quando?
- 11) Você tem vontade de voltar a morar no Maranhão?